O Organizador Operário
Internacional
Porta-voz da Fração Leninista Trotskista Internacional - Nova Época

Parte 3
Vol. 2

Setembro 2010 - Valor R$ 3,00 / Solidário R$ 6,00

RESOLUÇÕES DO SEGUNDO CONGRESSO DA FLTI

Ante as punhaladas pelas costas ao operariado por parte do Foro Social Mundial e os renegados do trotskismo: Por um reagrupamento internacional do operariado para preparar uma contra-ofensiva revolucionária de massas! Por um Comitê Internacional Re-fundador da IV Internacional de 1938!

"Contra Cume dos povos-Enlaçando Alternativas IV"

Uma reunião dos partidos social imperialistas europeus para cercar o combate das massas em Grécia e impedir o início da revolução em todo o velho continente

Encontro do reformismo nos Estados Unidos...

Os pregoeiros do "Socialismo 2010": esquerda do Partido Democrata do açougueiro imperialista Obama

Resposta dos trotskistas sul-africanos da FLTI ao convite ao Congresso de unificação Conlutas-Intersindical e as jornadas do CONCLAT *(Um novo cerco à vanguarda operária boliviana e mundial)*

Carta da JRCL-RMF do Japão à direção da Conlutas

Sobre os crimes cometidos contra a classe operária japonesa

Em Madri do 14 ao 18 de maio, paralelo à Cume de presidentes da UE, América latina e o Caribe, reuniu-se a "Contra Cume dos povos- Enlaçando Alternativas IV"

Uma reunião dos partidos social imperialistas europeus para cercar o combate das massas em Grécia e impedir o início da revolução em todo o velho continente

Em meados de maio, reuniu-se em Madri a Cume dos presidentes imperialistas da União Européia: Zapatero, Sarkozy e a Merkel; assistiram também os presidentes de Latino América e o Caribe: Evo Morales, Cristina Kirchner, Uribe, etc. Esta reunião esteve dirigida por Zapatero -o servo dos reis Borbones. Essa cume votou Tratados de Livre Comércio com as burguesias "bolivarianas" e do TLC em Latino América. A coroa espanhola, golpeada no plexo pela crise e com o água até o pescoço, esteve à cabeça desta cume onde se apresentou em sociedade a todos os governos "bolivarianos" e do TLC que junto com os Borbones, estão sócios ao City Bank no saque de América Latina. Zapatero apresentou em sociedade a "garantia de pagamento", ou seja garantia no sentido de enfrentar o déficit fiscal com o saque ao proletariado e aos camponeses da América Latina, e com o ataque que têm proposto atirar sobre o conjunto do proletariado da Europa Imperialista.

Mineiros espanhóis em greve, Setembro de 2010.

Paralela a esta Cume dos inimigos dos operários e os explorados do mundo, seciono na Universidade Complutense de Madri a "Contra Cume dos povos Enlaçando Alternativas IV", convocada pelo Foro Social Mundial -através de suas organizações Via Camponesa; ATTAC; o castrista Comitê Espanhol de Defesa dos 5 presos cubanos de Miami; Mães de Praça de Maio (Linha Fundadora) da Argentina; uma infinidade de organizações ecologistas; a Frente Nacional de Resistência Popular e a Aliança Sustentabilidade Ecológica e Justiça Social da Honduras; a Aliança de München contra a Guerra e o Racismo de Alemanha; a Aliança Mexicana pela Autodeterminação dos Povos; e o Novo Partido Anticapitalista da França e a Esquerda Anticapitalista da Europa e da América Latina.

Como vamos demonstrar, secionando como uma comissão mais da Cume União Européia - América Latina e o Caribe; o FSM vestido de V Internacional e um quarto (pela presença dos renegados do trotskismo europeu hoje "anticapitalistas"), centralizou suas forças para salvar ao imperialismo europeu. Isto é, que se concentraram a burocracia das organizações operárias e os partidos da aristocracia operária européia, para impedir que o combate das massas gregas, vanguarda da luta contra o ataque do imperialismo, fosse a chispa que incendeie Europa.

Uma "Contra Cume" de partidos social imperialistas em defesa da União Européia imperialista

Esta Contra Cume -que se juntou em Madri e não em Atenas, onde as massas estavam combatendo e deixando seu sangue nas ruas-, seciono em momentos em que o conjunto dos governos imperialistas de Europa dirigem um feroz ataque contra todo o proletariado europeu para salvar-se da crise. Mas também se reuniram em momentos em que, apesar e na contramão deles, as massas de Quirguistão abriam a revolução derrocando ao governo de Bakyev. Em momentos em que, apesar da derrota sofrida em 2009 quando se aplicaram estes planos em toda Europa do Leste, novamente a classe operária dos ex Estados operários tentava entrar ao combate com os operários e explorados de Romênia à cabeça. Quando em Turquia 100 mil trabalhadores, durante as jornadas do 1º de Maio, saíram a enfrentar nas ruas a ditadura do exército turco ao serviço do imperialismo ianque. E principalmente se reuniu em momentos em que a heróica vanguarda grega encabeçava este combate de todos os explorados de Europa, protagonizando 5 greves gerais e a greve geral revolucionária do 5 de maio.

Ante a bancarrota da UE, as forças do FSM com os governos de Cuba, Venezuela e Bolívia declararam: "Nos opomos à Europa do capital, aos tratados de livre comércio que a União Européia impõe a América Latina e nos opomos também às políticas aqui em Europa, que estão oprimindo mais ao povo europeu" (…) e pela "rotunda rejeição de seus assistentes ao capitalismo que Europa persiste em exportar ao Terceiro Mundo". Num "juízo popular" a Repsol-YPF, Unión Fenosa, o Banco Bilbao Vizcaya, Pfizer e Telefônica, um júri composto por um juiz da monarquia

dos Borbones e pequenos burgueses "bem pensantes" como a advogada Judith Chomsky; acadêmicos espanhóis; indigenistas equatorianos e Nora Cortiñas de Mães de Praça de Maio-Linha Fundadora, sentenciou que solicitarão "aos Estados membros a adoção de normas nacionais que garantam o acesso a sua jurisdição nacional civil e penal, por parte das vítimas de abusos de direitos humanos ou contra o médio ambiente, cometidos fora da União Européia por parte de uma empresa ou uma de seus filiais com sede num Estado membro".

A esquerda anticapitalista dirigida pelo mandelismo e o SWP de Callinicos, através de seu líder e figura pública, o francês Olivier Bensancenot, ante a pergunta de um jornalista de qual era a saída à crise em Europa respondia que: *"Cremos que a UE deve fazer-se mais forte. Propomos a unificação dos serviços públicos de todos os países da União, para que sejam capazes de atender melhor as necessidades dos cidadãos. Consideramos, assim mesmo, que deveria criar-se uma banca pública européia que garanta os recursos de todos"*. E quando lhe conferiam se a direita européia está aproveitando a crise pela que atravessa Grécia para impulsionar o recorte dos direitos sociais, agregava: *"Si. A gente precisa respostas dos governantes ante o que está sucedendo. Mas não se está reagindo e, por isso, cremos que é necessário avançar para uma jornada de greve geral européia. Devemos construir um pólo anticapitalista europeu oposto à Europa do capital"*. Tenho aqui o programa da Cume "dos povos" para salvar a reacionária UE sobre os ossos dos explorados. Quando a burguesia européia ameaça às massas dizendo-lhes "Se me afundo, afundan-se comigo", quando junto com suas burguesias nativas serventes organiza redobrar o saque dos países oprimidos; a "Contra Cume" centralizou as forças das direções operárias do velho continente para dizer aos trabalhadores que a saída não é a revolução operária e socialista e a destruição da Europa imperialista, senão defender a esta da catástrofe.

A "UE forte" que defende o Sr. Bensancenot

Os anticapitalistas e a esquerda reformista defendem a Europa dos escravistas, que conseguiu suas riquezas a ponta de baioneta em todo o planeta, massacrando à classe operária em duas guerras mundiais, saqueando Ásia, América Latina, África. Os imperialistas europeus são os que organizaram genocídios contra os explorados de Ruanda massacrando a 1 milhão em meses, os que para saquear o coltam do Congo fizeram um genocídio de 6 milhões de operários e camponeses. São as que através da Anglo Américan saqueiam os minerais e impõem o regime de reconciliação Apartheid na África do Sul, como gendarme de toda África do sul.

Defender a UE forte em nome do socialismo é social imperialismo. Os internacionalistas continuadores da IV Internacional do 38, denunciamos aos partidos dessa Contra Cume que em nome do socialismo pregam a defesa da UE imperialista em decadência, como partidos social imperialistas que se põem ao serviço de salvar ao capitalismo em crise; partidos que vivem nos países imperialistas de Europa alimentados pelas migalhas que caem da mesa do saque dos operários e camponeses de Europa do Leste, Ásia, África, América Latina e Central; são parte da burocracia e aristocracia operária dentro da pátria "européia" que defendem seus privilégios de capas altas do proletariado.

O programa destes social imperialistas, que nem sequer se animou a levantar a socialdemocracia e o stalinismo, é sustentar à monarquia inglesa contra os povos oprimidos e a classe operária mundial. É defender à V república dos açougueiros imperialistas franceses que massacraram em Argélia. Nessa "Contra Cume" de Madri jamais se ouviu dizer: Morte à monarquia dos Borbones, Viva a república! Estão na barricada dos assassinos borbones e o franquismo que massacraram a 1 milhão de operários e camponeses na guerra civil de 1934-40! São a esquerda do banco Bilbao Vizcaya! Para os "anticapitalistas" não existe a UE e as tropas francesas e suas bases militares na África, o Índico e o Caribe, que se cansam de organizar golpes de Estado como na Costa do Marfim, Nigéria, etc.!

Nem uma palavra disse essa "Cume dos povos" sobre a independência dos irlandeses, dos vascos, dos chechenos massacrados pelo açougueiro Putín, nem uma moção pela liberdade dos independistas vascos e irlandeses.

O Sr. Bensancenot e os "anticapitalistas" quer forte à Europa massacradora dos povos do mundo, a dos monopólios como a Anglo American, British Petrolium, Totalfina, Thyssen, Repsol, etc.! É a Europa imperialista a que saqueia o gás boliviano através da Totalfina francesa estabelecendo pactos com a British Petrolium e os que impuseram o fascismo na metade do país, massacrando a centos de operários e camponeses.

Os resultados da Europa unida o sofrem as massas em Iraque, Afeganistão, Palestina, onde a ponta de pistola e com golpes e pactos contra revolucionários junto ao imperialismo norte-americano assentaram seu saque. São os governos imperialistas da França e Itália junto ao de Turquia, os que vestindo-se de "democráticos" para garantir seus negócios junto às burguesias islâmicas da região, são a outra ponta da corda para estrangular às massas palestinas, fazer-lhes aceitar a existência do Estado de Israel e impor a solução dos dois "Estados", e a sustentação do Estado de Israel como gendarme em todo Oriente Médio.

A "fortaleza Européia" que defende a "Contra Cume" surgiu com a vitória da restauração da ditadura dos capitalistas nos ex Estados operários pela entrega da burocracia stalinista que se

FRAÇÃO LENINISTA TROTSKISTA INTERNACIONAL

WEB:
www.democraciaobrera.org

BLOG:
http://conscienciaeluta.blogspot.com

MAILS:
varnguarproleta@hotmail.com
fltinternational@ymail.com

transformou em burguesia e saqueou estes Estados junto ao imperialismo. É a Europa imperialista a que junto com o imperialismo ianque, saqueou os ex Estados operários de Europa do Leste e pôs a produzir aos operários em maquilas, enquanto sustentam a Putín na Rússia para massacrar em Chechena. Foram os imperialistas europeus quem criaram o "milagre econômico da Europa" com operários imigrantes trazidos como escravos da África, América Latina e o Caribe, de Oriente Médio hoje deportados de novo a seus países, ou com seus corpos no fundo do Mediterrâneo, ou pendurando das cercas eletrificadas de Ceuta e Melilla em Marrocos.

Os revolucionários lhe dizemos aos operários que à unidade da Europa dos amos imperialistas, há que lhe opor o grito internacionalista de **O inimigo esta na casa! Que se afunde a Europa dos açougueiros dos povos do mundo! Abaixo Maastricht e a União Européia imperialista! Abaixo o parlamento europeu, essa gruta de bandidos dos representantes dos piratas imperialistas e seus sequazes do FSM! Pela derrota das tropas européias em todo mundo! Abaixo a monarquia britânica e espanhola, abaixo a V República francesa, que se afunde a Alemanha imperialista que esconde suas mãos sujas no massacre do povo afegão! Pelo triunfo da resistência afegã e pela derrota militar do imperialismo Alemão e o anglo ianque! Há que expropriar sem pagamento aos monopólios europeus e seus bancos e pô-los sob controle dos trabalhadores, perdoando a dívida fraudulenta com que o capital financeiro saqueia aos povos oprimidos do mundo! Um povo que oprime a outro, não pode liberar-se a se mesmo! Viva a luta revolucionária da classe operária e as massas gregas! De Portugal ate as estepes russas, de Suécia a Turquia, uma só classe e uma só revolução para destruir os Estados, regimes e governos dos monopólios imperialistas! Há que destruir a V República francesa e sua legião estrangeira, que massacrou na Argélia, Ruanda, Vietnã, que treinou na tortura aos militares assassinos na América Latina! Abaixo as podres monarquias britânica e espanhola! Há que afundar na história à Alemanha da Merkel e o Bundesbank!**

A única Europa unida e harmoniosa poderá surgir da unificação econômica do continente eliminando o domínio burguês, destruindo seus exércitos, demolindo seus regimes, derrocando seus governos, expropriando aos expropriadores, destruindo sua moeda, suas fronteiras, chamando a uma luta comum a nossos irmãos de classe oprimidos pelo imperialismo europeu, declarando cidadãos da Europa a todos os imigrantes que vingam como o fizesse a Comuna de Paris em 1871. E o caminho para isto não é outro que a luta pela revolução proletária e a tomada do poder, impondo a ditadura dos operários, soldados e camponeses armados, como já o demonstrasse a gloriosa revolução russa de 1917. Há que pôr em pé uma Europa unida através de seus conselhos operários armados insurrectos desde Islândia ate as estepes russas, desde Suécia ate Turquia. **Pelo triunfo da revolução socialista que instaure a ditadura do proletariado em Grécia, Espanha, Portugal, França, Itália, Alemanha, Inglaterra e restantes potências imperialistas! Por novas revoluções de outubro vitoriosas que restaurem a ditadura do proletariado sob formas revolucionárias nos ex Estados operários de Europa do Leste, da ex URRS e na Rússia! Para conquistar os Estados Unidos Socialistas da Europa desde Islândia e as Ilhas britânicas até a Sibéria oriental, sobre as ruínas da UE dos bandidos imperialistas, único caminho para não pagar a crise criada pelos capitalistas e terminar com a exploração, as guerras, os genocídios, os massacres e a opressão!**

Os renegados do trotskismo dos NPA, são os continuadores de Maurice Thorez e o stalinismo

Em 1945, à saída da segunda guerra mundial, com a Europa imperialista devastada, com seus governos e regimes em ruínas, começou a revolução em Europa, empurrada pelo proletariado russo que vinha de derrotar ao exército nazista pondo 27 milhões de mortos e alentada pelo triunfo das massas na Yugoslávia e nos Balcanes contra ao exército nazista invasor e a burguesia colaboracionista. O mesmo sucedia com as massas na Grécia que controlavam sob armas a metade do país e lhe tinham gerado uma derrota ao exército nazista, com as massas da França levantando-se contra a burguesia colaboracionista do fascismo de Vichy tomando-se as fábricas e abrindo a revolução. Nesse momento De Gaulle, apresentado como o liberador pela "frente democrática" dos açougueiros imperialistas ingleses, norte-americanos e o stalinismo não contava nem com cinco soldados para poder deter a revolução. Na Itália, os operários e camponeses que tinham resistido ao fascismo, fuzilavam a Mussolini e seus colaboradores e os pendurava em praça pública, tomando-se as fábricas em todo o país, avançando sob armas para a revolução. Esta situação teria um panorama negro para a burguesia imperialista Européia e mundial.

Mas foi o stalinismo quem estrangulou a revolução na Europa como parte dos acordos de Yalta e Postdam, assinados por Stalin, Churchill e Roosevelt, para impor a contenção da revolução mundial e o cerco às massas revolucionárias da Europa para que não se fizessem do poder. Foi o stalinismo o que expropriando a conquista revolucionária das massas na Europa do Leste e salvando da expropriação aos imperialistas de França, Alemanha e Itália, freando o avanço do exército vermelho em Berlim, conseguiu impedir a extensão da revolução aos países imperialistas da Europa Ocidental. Na França, sob o governo de De Gaulle, o stalinista Maurice Thorez como Ministro de Trabalho, foi o encarregado de chamar às massas a desarmar-se e a reconstruir a economia dos imperialistas, defender a democracia e lutar por uma "Europa social para os trabalhadores". Assim o stalinismo, aos pés da República francesa, era o fiador do desarmamento dos maquis franceses. Na Itália aplicou a mesma política: sob o pretexto de enfrentar ao fascismo chamou aos trabalhadores a sustentar no governo à Democracia Cristã, enquanto desarmava à resistência italiana. Na Grécia, isolou à resistência e atuou como quinta coluna fuzilando em Moscou aos dirigentes e militantes do PC que armas em mãos enfrentaram aos nazistas e depois à invasão britânica. Como parte da frente democrática com os açougueiros imperialistas democráticos triunfadores na guerra, chamando às massas à coexistência pacifica, o stalinismo salvou à Europa imperialista da revolução proletária, porque se lhe ia a vida à burocracia por impedir o início da revolução política nos Estados Operários. O stalinismo com Thorez foram os fiadores da governabilidade da Europa Imperialista, já que ante semelhantes condições revolucionárias

e ruínas dos governos, regimes e Estados, impediam que as massas avançassem à revolução em toda a Europa ocidental, e puseram ao proletariado a reconstruir Europa sob insuportáveis ritmos de super-exploração.

Hoje, em momentos em que a Europa imperialista quebra desde suas costuras, quando seus governos e regimes cambaleiam sob os golpes da crise econômica mundial, com as massas que desde Quirguistão, Europa do Leste e Grécia tentam responder ao ataque batalhando por abrir a revolução, o Estado maior imperialista europeu convocou às direções de todo o continente a centralizar-se para salvar à UE da revolução proletária. É que, sem o dique de contenção que se montou desde a Contra cume do Madri, o decadente capitalismo imperialista das potências européias esta condenado de morte. Recorrendo a seu arsenal histórico para impedir revoluções, a astuta burguesia européia chamou aos renegados do trotskismo a cumprir o papel do stalinismo e Thorez. A "Casa européia" unida que defende a Contra cume e os Partidos Comunistas com a aplicação de impostos às transações financeiras frente a seu competidor o imperialismo ianque, é a Europa dos amos imperialistas. Esse é o programa que votou a Contra Cume como esquerda do Bundesbank e a Merkel! Não nos surpreende aos trotskistas: foi no Bundesbank onde uma parte da burocracia estalinista européia com Honecker à cabeça, guardou as fortunas que amassaram com a restauração do capitalismo nos ex Estados operários.

A luta dos trabalhadores gregos cercada pelas direções reformistas.

Assim a burguesia européia, enquanto se organiza para achatar à vanguarda operária e as massas européias se é necessário, depositou suas esperanças de salvar-se no imediato da revolução com o acionar da Contra Cume do Madri e o papel de Bensancenot-Thorez e os "anticapitalistas". Como já sucedesse em 1914 com a socialdemocracia da II Internacional; como sucedesse a partir de 1933 com a burocracia stalinista, consumou-se na história uma terceira fornada de menchevismo, esta vez com os renegados do trotskismo cumprindo o papel de social imperialistas vestidos de "anticapitalistas", para dar-lhe sobrevida a este sistema imundo.

Uma Cume para montar um cerco contra o heróico combate das massas gregas

A Cume dos presidentes europeus e seus serventes de América Latina e a Contra Cume dos partidos social imperialistas se reuniram a uma só semana de que as massas na Grécia protagonizassem, apesar e na contramão de todas as direções do movimento operário da Europa, depois de quatro greves gerais num mês, a magnífica greve geral revolucionária do 5 de maio. Nessa ação, chocando com a polícia assassina do regime grego, as massas assinalaram abertamente que suas forças se dispunham a derrocar a Papandreu. O que precisavam as massas era centralizar os organismos de autodeterminação que conquistaram, dissolver à polícia assassina assaltando suas delegacias e desarmando as bandas fascistas para conquistar o armamento e pôr em pé a milícia operária e ganhar aos soldados para seu combate; para organizar uma ação independente de massas que derroque a Papandreu e aniquile ao parlamento e todas as instituições do regime. Era seguir o caminho que marcaram as massas do Quirguistão em sua insurreição contra Bakiev e o das massas tailandesas que em sua luta contra a monarquia e a sangrenta ditadura queimaram a bolsa de valores e os edifícios dos capitalistas nesse país. Estavam dadas todas as condições para preparar uma insurreição vitoriosa que abra a revolução na Grécia e se estenda a toda Europa. Estava ao alcance da mão começar o caminho do derrocamento revolucionário de Zapatero, Sócrates, Sarkozy, Mekel, Cameron Clegg da Inglaterra e Berlusconi da Itália!

O Estado Maior Imperialista europeu se concentrou em sustentar a Papandreu, que encabeçava o ataque para derrotar às massas gregas. Eram conscientes que para que tenha uma "Europa unida" e manter o euro, tinha que derrotar às massas gregas, impedir que estas atirassem abaixo a Papandreu, e sua chispa incendiasse todo o velho continente. Seu plano foi claro: se passa o ataque na Grécia, os monopólios poderão fazer que as massas e o resto da classe operária na Europa paguem com "sangue, suor e lágrimas" a crise dos capitalistas. Paralisando e desgastando o acionar revolucionário das massas gregas, separando-o do combate dos operários da Espanha, França, Portugal, Romênia e Quirguistão, podiam passar à ofensiva para aplicar os mesmos planos na Espanha, Itália, Portugal e Inglaterra.

Para sustentar a Papandreu, era necessário que as direções reunidas em Madri contivessem a espontaneidade das massas gregas. Por isso o stalinista KKE desde os sindicatos, sustentado pelos anarquistas e os renegados do trotskismo com suas frentes anticapitalistas SIRYZA e ANTARSYA, foram os responsáveis de transformar os combates revolucionários das massas e sua greve geral revolucionária do 5 de maio em ações impotentes de pressão sobre o governo e as instituições do regime. Cinco greves gerais fizeram as massas e em nenhuma delas se as chamou desde estas direções a derrocar ao governo e destruir o parlamento, e todo o regime grego. Convocando a uma greve geral para pressionar ao governo, permitiram que o parlamento votasse o

ataque. O que precisavam as massas gregas era um chamado a derrocar ao governo, a destruir a esse parlamento fantoche ao serviço da Goldman Sachs, JP Morgan e o Bundesbank, a pôr em pé os piquetes, a milícia e os conselhos operários! O que precisavam as massas gregas para parar o ataque era abrir-se passo para a insurreição triunfante, só a revolução podia dar uma saída a favor da classe operária! A burocracia do PASOK e o KKE, seguido pelos renegados do trotskismo e os anarquistas, asseguraram-se muito bem de impedir esta perspectiva. Depois de que o ataque passou mediante decretos do parlamento, chamaram à uma "nova greve geral", enquanto os renegados do trotskismo falavam de greve "geral indefinida para abrir o caminho ao poder e ao socialismo" como diz o EEK, a mais "greves", de escalar "nas lutas", etc. Assim estrangularam a energia das massas levando-as à impotência. Cretinismo sindicalista para desgastar a enorme energia revolucionária que as massas despregavam em seus combates!

Ficou claro porque os que se juntaram na Contra Cume do Madri para cercar a revolução grega, em 2008 quando o proletariado grego saía às ruas ao grito de Abaixo Karamanlis! Abaixo o Estado assassino! diziam que não tinha condições para derrocar ao gerente da Goldman Sachs e assassino de Alexander. São os mesmos que quando a burguesia chamava a eleições para impedir que Karamanlis fora derrocado com uma ação independente de massas, foram com diferentes frentes eleitorais desviaram o ódio das massas às eleições antecipadas e criaram as condições para que a burguesia com sua troca eleitoral, passe ao ataque comandado por Papandreu, tão gerente da Goldman Sachs e a JP Morgan como seu antecessor.

Nessa contra cume estavam os que chamavam agentes da CIA aos combatentes gregos, os que salvaram ao stalinismo quando era expulso da central sindical de Tesalonica pelas massas insurrectas em 2008; os que chamavam revoltosos à juventude operária francesa que incendiava os carros de toda França ao grito de "Faremos de Paris uma Bagdá".

Impediram a greve geral continental para evitar que comece a revolução em toda Europa

Nessa Contra Cume todos votaram defender o chamado do Partido Comunista grego "Povos de Europa levantem-se". Quanto cinismo! São eles, os "anticapitalistas" e o PC os que dirigem a metade das organizações operárias da Europa. O stalinismo dirige na Grécia a terceira maior central sindical, a PAME; a CCOO (Comissões Operárias) na Espanha, a CGIL italiana (Confederação Geral Italiana de Trabalhadores), a CGT francesa, o 50% dos sindicatos portugueses, etc. Os renegados do trotskismo hoje vestidos de "anticapitalistas" são os que dirigem à esquerda de toda a classe operária européia e suas organizações de luta.

Todos os dirigentes da Contra Cume diziam "temos que avançar na greve geral européia". Cínicos! Nunca a chamaram! As massas gregas fizeram cinco greves gerais e eles nunca chamaram a uma jornada continental de combate! O 19 na Romênia e o 20 de maio na Grécia, apesar e na contramão de suas direções, as massas saíram à rua, enquanto na França os trabalhadores pararam o 27 de maio e em Espanha o 2 de junho. Todos estes combates foram milimetricamente dessincronizados pelas direções da Contra Cume. Foram os fiadores de que as massas espanholas, gregas, francesas, portuguesas, inglesas, romenos, russas, briguem isoladas país por país, impedindo uma ação centralizada. Os que diziam que "não tinha condições para derrocar a Papandreu" e para organizar a greve geral continental, foram os que criaram as condições para que o grande capital, que sim se centraliza, atue com todo seu peso e as derrote uma por uma. Aí esta o exemplo da Espanha, onde depois de que foram sacadas de cena as massas gregas, Zapatero já sacou por decreto o ataque. Na França o governo Sarkozy impôs o aumento da idade de aposentadoria. E as CCOO do stalinismo e a UGT socialista, chamam para o 29 de setembro à greve geral na Espanha! Traidores! Agora chamam à greve geral, quando já o parlamento inglês votou o plano de ajuste dos tories e os laboristas para estourar à classe operária inglesa! Quando já Merkel teve as mãos livres para atacar aos operários alemães!

Esta é a verdade. Os que se juntaram no Madri são os que impediram a greve geral em toda Europa quando estavam as condições para fazê-la, deixando isolada a Grécia e levando à derrota país por país os combates da classe operária para que os governos imperialistas europeus passassem o ataque na Espanha, França, Inglaterra, Grécia! Fizeram-no para impedir um Congresso Operário Continental, em Atenas, que coordene numa só organização de combate à classe operária e as massas empobrecidas de toda Europa e rompa o isolamento das heróicas massas gregas. Derrotar seu pérfido acionar significa nem mais nem menos do que o triunfo ou a derrota da classe operária de todo o continente. Ficou demonstrado na vida que as forças da Europa "dos trabalhadores" não são os burocratas e aristocratas e seus partidos social imperialistas que se juntaram em Madri. A verdadeira Europa dos trabalhadores é a dos operários e explorados romenos que enfrentam o ataque da burguesia, é a dos operários imigrantes do movimento do primeiro de maio, a dos jovens das Cités francesas, os trabalhadores que no Portugal e na França enfrentavam as demissões tomando-se as fábricas e aos patrões como reféns. **Há que derrotar às direções que cercaram às massas gregas e entregam aos trabalhadores da Espanha, Portugal, Inglaterra e Itália! Ainda estamos a tempo! Congresso Operário Continental na Atenas para organizar a greve geral continental revolucionária! Há que enviar delegados de todas as organizações a Atenas já mesmo! Há que pôr em pé o quartel geral da revolução européia! Há dar-lhe um escarmento ao Estado maior de Merkel, Zapatero, Sarkozy, Berlusconi, os tories ingleses, Sócrates, que com Papandreu à cabeça concentram toda sua força em derrotar à classe operária grega para depois generalizar o ataque a toda Europa! O grito de guerra para unir à classe operária acima das fronteiras em todo o velho continente deve ser: governo que ataca, governo que cai! Abaixo Papandreu! Abaixo a monarquia espanhola e a podre monarquia britânica! Abaixo o regime imperialista da V República francesa! Abaixo o governo da Merkel e o regime imperialista alemão!**

Trotskismo e stalinismo se vêem a cara na guerra de classes na Europa

Na areia do combate de classe que está proposto na velha Europa hoje, enfrentam-se duas estratégias e dois programas, trotskismo e stalinismo, representando pelo partido dos anti capitalistas de Bensancenot-Thorez.

O proletariado entrou nesta decisiva batalha sem uma direção revolucionária que lhe permita preparar as condições para a vitória, e com o terreno de combate cheio de direções que são um obstáculo para seu triunfo. O proletariado derrocou ao governo de Bakyev no Quirguistão e a aberto a revolução nessa ex república soviética; levantou-se novamente, depois de 20 anos de padecimentos sob o látego da restauração capitalista, o proletariado na România; na Grécia o proletariado pôs em pé suas organizações, o proletariado imigrante de toda Europa saiu ao combate e convocou à greve geral em todo o continente.

Como mais acima temos definido e demonstrado, as correntes que o proletariado tem à frente de suas organizações a nível internacional se preparam para impedir que a classe operária do continente europeu rompa o cerco imposto pelos monopólios imperialistas e seus governos, tome o futuro em suas mãos e verdadeiramente faça pagar a crise aos capitalistas. Já seja em suas variantes stalinistas, anarquistas ou renegados do trotskismo, todas lhe salvam os interesses ao capital financeiro em bancarrota: já seja com programas abertamente social-imperialistas ou com medidas keynesianas. Toda esta situação não faz mais do que exacerbar a crise de direção ante os combates decisivos que se cozinham na velha Europa, que definirão o futuro da luta de classes no período próximo. Se o proletariado não resolve o problema, fazendo-se do poder, o fará a burguesia com o fascismo e o caminho à guerra.

Assembléia dos trabalhadores do Metrô do Madri votan greve.

As direções que se localizam para ser os enfermeiros do capital centralizaram suas forças na Cume do Madri e depois no Encontro Internacional do Brasil, só um mês depois, para impor um férreo cerco europeu e mundial ao combate das massas do velho continente. Em suas filas estão os morenistas da LIT -que já provassem no continente americano desde o ELAC ter capacidade para sustentar os pactos e cercos para expropriar a revolução no continente americano e submeter à classe operária dos EUA à “obamanía”- junto aos mandelistas e os renegados do trotskismo europeus que devem demonstrar sua capacidade para conter ao proletariado e sustentar à UE imperialista em bancarrota. Somam-se a eles os social imperialistas japoneses de Chukaku-Há que se preparam para exportar a política da Contra Cume e o Encontro do Brasil para maniatar à classe operária chinesa e asiática que já vem sendo a vanguarda da classe operária mundial desde os combates de Tonghua e Lingzou faz já um ano atrás. Também está o clifftismo inglês com a IST e o SWP de Callinicos, esse partido social imperialista sustentador do laborismo e a burocracia da TUC ao serviço da Coroa britânica, que joga o papel na África de atuar como ala esquerda do movimento operário para conter a crise dos regimes de reconciliação do Apartheid na África do Sul, de sustentar desde adentro do MDC ao governo anti operário e pró imperialista do ZANU-PF e MDC no Zimbábue e os governos das burguesias nativas agentes ao serviço do imperialismo como o FRELIMO no Moçambique, o MPLN na Angola, etc. Os velhos pablistas do secretariado unificado mandelista, o lambertismo, o morenismo, os clifftistas e os hochiministas de Chukaku-Há cumpriram seu sonho dourado: como fosse durante todo o período de Yalta, puseram-se novamente sob a direção dos desfeitos do stalinismo.

Para os trotskistas internacionalistas da FLTI, transformou-se numa tarefa de primeira ordem resolver a crise de direção de nossa classe. Para isso é que se volta imprescindível a luta por pôr em pé o partido mundial da revolução socialista, a IV Internacional sob o programa de fundação de 1938. Nenhum grupo ou militante que combata em nome do programa da Quarta Internacional deve ficar isolado, há que centralizar as forças dos revolucionários internacionalistas de todo mundo, para enfrentar aos social imperialistas da Contra Cume do Madri e o Encontro Internacional do Brasil. Os acontecimentos da luta de classes na Europa e a nível mundial, não deixam muito tempo.

A Fração Leninista Trotskista Internacional lançou o chamado de conquistar o comitê organizador da re-fundação da IV Internacional, para reagrupar aos militantes trotskistas e operários internacionalistas do mundo que tomem em suas mãos a tarefa de pôr em pé um centro internacional para combater ante os olhos da vanguarda às direções que o grande capital centralizou, para desatar as mãos da classe operária e expulsar das filas da Quarta Internacional a todos aqueles que falando em seu nome, são serventes do stalinismo.

Viva a luta pela re-fundação da Quarta Internacional com seu programa de 1938!

A esquerda da Contra Cume do Madri

Há outros setores dos renegados do trotskismo que tentam posar de esquerda frente à Contra Cume, mas não fazem mais do que demonstrar do que são sua "ala esquerda" que fica por fora para conter e enganar melhor às massas em luta e assim sustentar os regimes e governos da Europa imperialista. Vejamos dois exemplos.

Os morenistas da LIT-PSTU e seu programa keynesiano

A LIT em seu programa para Europa diz: *"Nós estamos pelo desconhecimento da dívida externa, romper com o euro e a UE e tomar drásticas e urgentes medidas para reorganizar a economia em serviço das vastas maiorias: expropriar os bancos, nacionalizar as companhias estratégicas, distribuir o trabalho, estabelecer o monopólio do comércio exterior e procurando a solidariedade de classe numa luta comum por uma Europa operária e popular, pelos Estados Unidos de Europa"*.

As declarações dos morenistas criadores do ELAC é um verdadeiro *strip tease* de reformismo concentrado: é keynesiano puro, um verdadeiro plano burguês para salvar-lhe todos os interesses ao capital financeiro europeu. O programa do trotskismo é expropriação dos bancos, sem pagamento, sob controle operário. A LIT propõe nacionalizar a banca sem expropriar as reservas, o ouro, os valores que tenha nela dos parasitas acionistas cortadores de cupons… isto é propõe a nacionalização dos edifícios. A LIT tem um programa Peronista para Grécia, mas Perón chegou mais longe do que eles, nacionalizou o transporte ferroviário, a junta de grãos, etc.

É o programa que já levantassem no ELAC legitimando as falsas nacionalizações dos bolivarianos na América Latina. Já se demonstrou na história que não há saída da mão das nacionalizações que leva adiante a burguesia, porque não lhe tocará um só centavo ao capital financeiro hoje em bancarrota, tal qual o fizesse Obama com a GM nos Estados Unidos, Chávez em Sidor, Morales com o gás e o petróleo na Bolívia. A LIT ontem lhe exigia a Lula no Brasil que nacionalize a GM e, enquanto a patronal despedia a 2 milhões de trabalhadores, abraçada à burocracia pelega, a LIT e sua Conlutas organizavam marchas ao parlamento burguês para que votasse a lei de proibição das demissões. "Desarrolhismo", "estatismo" e "anti-neoliberalismo", mas nada de trotskismo, sempre aos pés do regime burguês e suas instituições, na América Latina e na Europa também.

Em segundo lugar a LIT propõe "sair do euro", isto é, desvalorizar a moeda, mas se é a outra ponta da corda com que a burguesia quer estrangular à classe operária! Porque a burguesia imperialista lhes diz às massas européias que pague com seus salários o gasto do Estado para salvar ao euro ou virá a desvalorização, com a ruptura da euro-zona. Sempre a LIT por trás de um plano burguês! O que a LIT está propondo para a crise grega é a receita do programa burguês de desvalorização com o qual os monopólios imperialistas e a frente exportador na Argentina durante o governo de Duhalde saquearam o salário operário e liquidificaram a dívida de todas as empresas. Com esta desvalorização o governo se roubou um 70% do salário operário medido em dólares e lhe garantiu ao imperialismo a saída da crise.

Os limões espremidos da LIT, que já jogaram seu papel com o ELAC em estrangular a ala esquerda da classe operária no continente americano exportam suas receitas ao velho continente, e com seus sócios os mandelistas do NPA montam uma reunificação a nível internacional como ala esquerda da V Internacional dos mandarins vermelhos, os bolivarianos e as burguesias islâmicas junto aos desfeitos do stalinismo, para desmoralizar a ala esquerda da classe operária mundial.

O PTS e sua Tendência Clarite dentro do NPA: não rompem com Bensancenot-Thorez, porque têm o mesmo programa

O PTS declara que esta situação (…) *"faz mais urgente a necessidade de construir verdadeiros partidos revolucionários insertos na classe operária e suas lutas e não atalhos oportunistas como a Coligação da Esquerda Radical (SY.RIZ.A) grega, o Bloco de Esquerda português ou o Novo Partido Anticapitalista na França, que levarão a novas frustrações à vanguarda"* (…). O PTS com a tendência Clarite no NPA, nega-se a romper com esse partido de fura-greves da luta grega e européia, defensor da União Européia imperialista, continuador do stalinismo de Yalta. Que espera o PTS para romper com o NPA de Bensancenot-Thorez? Para que fica a tendência Clarite dentro do NPA, se não é para chamar aos operários a enfrentar sua política e romper com eles? Ou é que pretendem ficar dentro do NPA 20 anos como o fizesse a LIT dentro PT de Lula? O PTS ficou encerrado em seu próprio labirinto.

Primeiro disseram que entravam ao NPA porque tinham que acompanhar a experiência dos operários que iam "ao anti-capitalismo". Posteriormente o NPA ao qual o PTS sustentava desde adentro estrangulou todas as ondas de tomadas de fábrica na França. Depois combateu à juventude das cites que se revelavam ao grito de "todas as noites faremos de Paris uma Bagdá", para que se aplicasse o pacto das centrais sindicais com Sarkozy que impunha a "escala móvel de suspensões, demissões e rebaixa salarial" e expulsava aos imigrantes –que tratavam como revoltosos- de toda França. E foi o mesmo Bensancenot-Thorez o que viajava a Martinica e Guadalupe a dizer-lhe às massas insurrectas que não há que expulsar às tropas de ocupação francesas e que os "contribuintes" franceses não deviam pagar os aumentos de salários que os explorados demandavam. E o PTS continuava sem romper.

Somente nestas últimas eleições na França a tendência Clarite do PTS criticava ao NPA por chamar a votar ao Partido Socialista contra Sarkozy, mas finalmente salvaram ao Partido Socialista que estava em ruínas com o voto da classe operária e o NPA contra Sarkozy. Disseram-lhe aos operários que tinha que escapar do fogo da direita para cair no ferro quente desse Partido Socialista gorila de Miterrand, o organizador do genocídio na Ruanda.

E ainda o PTS segue ficando dentro do partido que chama a defender a Europa imperialista? Nós sabemos a verdade, ficam adentro porque têm o mesmo programa que Besancenot-Thorez. E hoje na Europa chamam à classe operária a pôr-se detrás das bandeiras e o programa dessa lacra stalinista do KKE. Diz o PTS: *"A bandeira pendurada no Partenón 'Trabalhadores europeus levantem-se' é um chamado de alerta não só aos trabalhadores europeus senão aos trabalhadores do mundo inteiro"*. A confissão de parte, relevo de provas.

Encontro do reformismo nos Estados Unidos...

Os pregoeiros do "Socialismo 2010": esquerda do Partido Democrata do açougueiro imperialista Obama

Renegando da revolução proletaria, o reformismo a nível mundial se centraliza para pôr à classe obreira aos pés de seus verdugos. Assim o fizeram em Madri com a "Contracumbre dos povos", em Brasil com o CONCLAT e agora em Estados Unidos. Este último encontro que se realizou a princípios de julho com o nome de Socialismo "2010" reuniu à ISO (Organização Socialista Internacional) do SWP (Partido Socialista dos Trabalhadores) de Inglaterra e Estados Unidos, não foi mais do que a reunião da esquerda de Obama. Assim fica demonstrado na denúncia que faz o grupo Socialist Equity Party (SEP) deixando ao descoberto que a grande maioria dos oradores na conferência da ISO são do Partido Democrata. Afirmam que estás correntes apresentou, por exemplo a Jorge Mujica como um lutador pelos direitos dos imigrantes, quando a verdade é que foi candidato nas primárias do Partido Democrata pelo terceiro distrito congresal em Illinois o passado fevereiro. O mesmo demonstram com Nativo López, quem apresentando-se como um lutador dos direitos dos imigrantes, quando assumiu Obama propôs: "o povo americano pode agora regocijarse num dos golpes maiores contra o racismo em sua história…". Também desmascaram ao professor James Green, outro dos oradores no encontro, o qual exhibe orgulhosamente em sua página web uma foto com Obama. E assim seguem com James Thindwa, quem escreveu em Agosto de 2009: "…num dos momentos mais perigosos da história de Estados Unidos, os americanos lhe deram a Obama e aos democratas um mandato para mudar a direção do país…". E entre outros muitos mais figura também o ativista britânico Kevin Ovenden, orador na conferência sobre o massacre Israelense à flotilla a Gaza, que no 2008 sugeriu que qualquer que se recusasse em aderir a Obama sofria de uma "mentalidade dogmático-fechada".

Operários dos portos em Oakland (EUA) lutam contra a maquinaria de guerra imperialista

A CONFISSÃO DE PARTES…. RELEVO DE PROVAS…. Os partidos que se reuniram em Estados Unidos, longe de socialistas "", não são mais do que a esquerda de Obama que se centralizam para impedir do que a classe obreira norteamericana retome a luta contra a guerra como em Vietnã e junto à heróica resistência afeg sejam os enterradores do imperialismo ianque em Médio Oriente.

Em França, um dos principais protagonistas da política de sustentar ao imperialismo em crise, foi o NPA (Novo Partido Anticapitalista) que em Guadalupe e Martinica terminaram por sustentar os interesses de sua própria burguesia imperialista ante a grandiosa rebelião anti-colonial das massas. São os mesmos que enquanto a juventude obreira das Citei se rebelava contra os assassinatos de jovens obreiros por parte da polícia, disseram que eram "revoltosos" e lhes deram as costas. São os que traíram as centos de greves com tomada de fábrica e reféns que protagonizou a heróica classe obreira francesa no 2008, deixando-as isoladas. Mas tudo isto implicou desprestigio ante as massas por parte destes novos "partidos anticapitalistas" para continuar seu papel de sustento do V Republica imperialista. Por isso hoje Alan Woods de The Militant, o mesmo que lhe entregou a Chávez o livro de Trotsky do Programa de Transição, sai a socorrer à burguesia imperialista francesa chamando a refundar "com idéias marxistas" ao estalinista Partido Comunista, reeditando assim o velho pablismo que dissolveu aos partidos da IV Internacional dentro do stalinismo à saída da Segunda Guerra Mundial, mas esta vez em forma senil. Fazem isto para pôr em pé uma nova mediação para sustentar à V República francesa imperialista que tem que redobrar seu ataque contra as massas e se lhe vai a vida em impedir que a classe obreira irrompa no caminho marcado pelos explodidos de Grécia ante a bancarrota capitalista.

Sob o comando do V Internacional e Wall Street, estas organizações se unem a nível mundial para salvar ao capitalismo em crise. Assim sustentam a Obama em EEUU, às burguesias nativas de Médio Oriente, à Europa Social dos capitalistas do velho continente e às burguesias bolivarianas de América latina. Porque sua tarefa é atar-lhe as mãos ao proletariado e assim evitar uma verdadeira contra-ofensiva revolucionária de massas para que a crise a paguem os capitalistas com o triunfo da revolução socialista. Por isso nestes luxuosos encontros internacionais recusaram a moção valente dos obreiros fabris da paz de Bolívia de enfrentar "a demagogia dos governos burgueses" isto é, votaram a favor de continuar subordinando ao proletariado aos pés de seus verdugos, e hoje todos estes são o sustento e cobertura por esquerda da avançada restauracionista dos irmãos Castro em Cuba que lhe estão entregando a Ilha ao imperialismo.

São todos continuadores do stalinismo, foram-se da IV Internacional, cruzaram não só o rubicón senão o oceano. Os trotskistas continuadores da IV Internacional de 1938 que lutamos por sua refundación, comprometemo-nos ante a vanguarda do proletariado mundial a enfrentar e derrotar aos reformistas, para devolver-lhe à classe obreira mundial a direção revolucionária que se merece para levar ao triunfo a revolução socialista internacional.

Uma resposta dos trotskistas sul-africanos da FLTI ao convite ao Congresso de unificação Conlutas-Intersindical e as jornadas do CONCLAT

A seguir publicamos uma carta da Vanguard League da África do Sul e integrantes da FLTI, em resposta a Fabio Bosco, quem em nome da LIT, convidasse-os a participar no CONCLAT, como assim também a participar do Encontro Internacional do CONCLAT, continuidade do ELAC, os dias 3 e 7 de junho, em Santos – Brasil.

Hoje quando sai à luz esta carta, o congresso de fusão que se realizou o 5 e 6 de junho se fraturou antes de nascer, achatando as expectativas que tinha acordado em setores da vanguarda operária combativa brasileira, fazendo – mais uma vês - primar os interesses dos aparelhos por sobre os da classe operária.

No entanto, ao dia seguinte, a segunda-feira 7/6 uma delegação brasileira de ambas centrais com uma centena de dirigentes sindicais, reuniram-se no Encontro Internacional do CONCLAT com arredor de 100 dirigentes de 26 países de América, Europa e Ásia, para novamente voltar a acordar um programa comum, mas esta vez para intervir na luta de classes a nível mundial.

Deste Encontro participaram também Jane Slauter dirigente do Labor Notes, organizações que reúne oposições sindicais nos Estados Unidos; uma delegação japonesa encabeçada por Teruoka Seichii, membro do executivo do Sindicato Nacional dos Ferroviários de Douro-Chiba e dirigente da JRCL Chukaku-Ha; Sotires Martalis membro da Federação de Empregados Públicos da Grécia; junto a delegações dos NPA europeus da Espanha Portugal, etc. Isto é, juntaram-se todos os que com sua política vêm subordinando os combates da classe operária aos interesses da burguesia a ala esquerda da V Internacional de Chávez e as boli-burguesías, de Ju Hintao e os mandarins vermelhos do PC chinês e a burocracia restauracionista castrista. Assim ambos setores dos renegados do trotskismo -a corrente "mandelista" e a corrente "morenista"- na reunião em Santos e sob a direção da V Internacional realizaram seu congresso de unificação.

Assistimos a uma centralização superior das direções reformistas para controlar a ala esquerda do proletariado, no meio de "A" crise econômica imperialista que não deixa de aprofundar-se. Neste sentido a atividade central votada nesta reunião de fechamento foi preparar o próximo congresso em Tokio, Japão.

Concluiu uma reunião histórica, de centralização de forças que em nome do combate pelo "socialismo", levam à vanguarda operária combativa ao beco sem saída da política de colaboração de classes, sustentadores do frente popular, para estrangular o combate revolucionário e antiimperialista das massas.

Centralização das forças da V Internacional que depois dos combates revolucionários da classe operária na Grécia e no Quirguistão, do levantamento dos operários chineses de Tonghua e Lingzou, dos fabris da La Paz contra o pacto do governo da frente popular e os fascistas, etc., devem impedir não só a irrupção revolucionária da classe operária européia, senão também a do proletariado chinês contra os novos mandarins vermelhos do PC chinês, como ponta de lança do proletariado de Oriente. Temor que os carcome ante a paralisação de todas as plantas da Honda pela greve operária unificada em reclamo de aumento de salários, como expressão dos mais de 970 mil conflitos operários e 250.000 revoltas camponesas que percorreram China em 2009.

Por isso no próximo número do Organizador Operário Internacional, porta-voz da FLTI, publicaremos uma declaração dando conta deste Encontro Internacional das forças dos renegados do trotskismo, sob a direção do V Internacional.

03-06-2010

Carta aberta a toda a classe trabalhadora brasileira e do continente Americano.

Os camaradas da Workers International Vanguard League (WIVL) de África do Sul e integrantes da FLTI, nos últimos dias do mês de março receberam em nosso correio eletrônico uma carta de Fabio Bosco, em nome da LIT, com um convite para participar no congresso de fusão da CONLUTAS dirigida pelo PSTU-LIT e a Intersindical dos mandelistas do PSOL (CONCLAT) e o Encontro Internacional do CONCLAT continuidade do ELAC, entre os dias 3 e 7 de junho, no Brasil.

Em sua carta de convite, Bosco nos informa que a Conlutas é uma "federação sindical combativa que contém cerca de 200 sindicatos; 70 oposições dentro dos sindicatos; 70 movimentos populares pela moradia e pela terra; e muitos grupos de estudantes, das mulheres, negros e da comunidade gay". E que no congresso de unificação da Intersindical e Conlutas o 5 - 6 de Junho se reunirão "ao redor de 3.000 delegados de todo Brasil" e que a unificação de ambas "organizações representará um passo adiante para a classe operária combativa". Todas as atividades terminarão em 7 de junho com o Encontro Internacional do CONCLAT.

O fato de que se reúnam 3000 delegados do movimento operário, significa um acontecimento político do proletariado no Brasil e na América Latina. Estes 3000 delegados em setores fundamentais do proletariado industrial, estatais, de serviços, metalúrgicos, químicos, bancários, docentes, petroleiros, etc., como assim também de setores dos movimentos de trabalhadores sem terra, de trabalhadores sem teto, do movimento negro, do movimento estudantil, expressam setores do proletariado e dos explorados, que nasceu em 2003 no calor do combate contra Lula como parte da revolução argentina e boliviana, e vem tendo anos de luta e também de sucessivas frustrações trás o chamado para criar novas organizações combativas.

Os trabalhadores fabris da Bolívia enfrentam á burocracia da COB e ao governo burguês de Evo Morales

Nos documentos com as Teses do CONCLAT, falam de unificar as fileiras operárias, de enfrentar o governo Lula, de enfrentar a política da burocracia da CUT, de pôr em pé uma central classista, chegando inclusive a dizer que esse "congresso de fusão" lutará pelo socialismo. No entanto, se este congresso realmente propõe esta luta como alternativa imediata, no meio da crise capitalista imperialista que afeta a classe operária em todo mundo, seu programa não definiu nem uma só medida que ataque a propriedade dos capitalistas nem unifique o combate dos trabalhadores em uma luta política de massas contra os governos e regimes.

Por isso queremos responder ao convite que nos estenderam, mais ainda frente aos novos acontecimentos da luta de classes internacional e fazer chegar nossas propostas aos delegados ali reunidos porque a classe operária brasileira e latino americana precisa um congresso operário e camponês que prepare as condições da vitoria contra o ataque dos capitalistas, e não uma reunião onde se fala do socialismo, para todos os dias não satisfazer as necessidades do conjunto dos explorados e as expectativas de grandes faixas da vanguarda combativa.

Temos que seguir o exemplo dos Fabriles de La Paz e os operários e desempregados argentinos que se levantam contra os pactos de submissão da classe operária. Que o CONCLAT chame toda a classe operária a rebelar-se contra o infame Pacto Social do imperialismo, Lula e a burocracia pelega.

Enquanto Lula passeia pelo mundo como um estadista democrático e pacificador a serviço do imperialismo francês, a classe operária sob seu governo vive a pior das ditaduras. Com o Pacto Social, Lula pôde conquistar a estabilidade nacional, garantiu o controle do movimento operário através da CUT e do PT para que não tenha uma só greve geral contra seu governo. Sancionou o dobro de decretos que F. H. Cardoso, redobrou a militarização das favelas com o exército e a polícia para massacrar a esses "pobres diabos", ao dizer de Trotsky, que vivem confinados nos morros e em condições sub-humanas, donde a chuva, como aconteceu na catástrofe de 5 de abril, causaram a morte a centenas de pessoas. Nos campos os explorados sofrem a massacre das guardas brancas dos latifundiários e as forçar repressivas do Estado. Assim trata o governo anti operário Lula às massas!

Mantendo um exercito industrial de reserva de 60 milhões de trabalhadores escravos a 70 dólares ao mês com os planos assistencialistas, demitindo 2 milhões de trabalhadores desde dezembro de 2008 garantindo um salto na super-exploração,

aumento dos ritmos de produção, Lula pôde apresentar o milagre brasileiro ao mundo, unir o Brasil ao mercado chinês, manter a exportação para lá das montadoras e as diferentes empresas imperialistas, tirando uma enorme massa de mais valia ao movimento operário e um mercado interno de consumo de as classe medias e as aristocracias operárias.

Desde o princípio de 2009 houve incontáveis tentativas da vanguarda de enfrentar o governo, conseguir melhores condições de trabalho, aumento salarial, impedir as demissões. Mas igual que toda a classe operária do continente, a CUT impôs o plano da AFL-CIO de acordos e leis do Estado para salvar os negócios dos capitalistas com a escala móvel de suspensão, demissões e reduções salariais. Infelizmente a política da direção da Conlutas e a Intersindical foi manter todas as greves e combates parciais dos operários como lutas de pressão ao governo, mantendo-as separadas sem chamar a impor a greve geral sobre os ossos da burocracia pelega. A política da direção de Conlutas foi em mobilizações de pressão sobre o parlamento, exigir que os representantes da burguesia votem uma lei proibindo as demissões, chegando inclusive a propor que era preciso pressionar a Lula para que nacionalize a GM, Vale do Rio Doce, ao igual que Obama, enquanto a empresa demitia centenas de trabalhadores.

Como vão parar as demissões com uma "lei", quando todas as leis em defesa da propriedade privada garantem que tenha demissões e lhe permite à patronal fazer o que queira? Uma lei ao serviço dos trabalhadores votada pela gruta de bandidos ao serviço das transnacionais imperialistas e dos escravistas brasileiros?

Por isso a primeira medida que este congresso deve votar se quer ser uma real alternativa de unidade para a classe operária é romper com a política levada adiante ate agora pela Conlutas e a Intersindical e seguir a senda dos operário boliviano e argentinos e chamar á classe operária a se rebelar. Abaixo o "Pacto Social" do imperialismo, Lula, a patronal escravista, o PT e a CUT! Abaixo a burocracia pelega de todas as cores e pelagem! O CONCLAT deve desconhecer os acordos salariais e o Pacto de Ação Sindical assinado pela CUT, Força Sindical, CTB, CGTB e UGT, e chamar à classe operária e os explorados a desacatá-los! Há que preparar uma greve geral para enfrentar este governo escravista! Para que surja um verdadeiro congresso de luta há que impor que os que convocam ao CONCLAT votem: Basta de submetimento às leis da burguesia, a seus parlamentos e ao regime infame! Há que romper todas a amarraduras com a burguesia e marchar a um verdadeiro congresso da classe operária! Os trabalhadores devem se organizar com querem! Fora as mãos do Estado, abaixo os dissídios coletivos do Ministério de Trabalho! Abaixo o imposto sindical!

Para começar a unir as fileiras dos trabalhadores, como o CONCLAT diz procurar, votemos que a primeira medida é; Reincorporação imediata dos dois milhões de despedidos, trabalho digno para todos e escala móvel de salários e horas de trabalho para todo o movimento operário brasileiro já! Abaixo os planos assistencialistas! Incorporação permanente de todos os contratados! Salário mínimo vital indexado a inflação e que esta seja medida pelas organizações operárias!

Este congresso deveria propor com clareza que a solução não virá da mão das falsas "nacionalizações" como vem propondo a direção da Conlutas. A classe operária deve confiar só em suas forças e há que votar neste congresso como programa: Ocupação e expropriação, sem indenização e sob controle operário de todas as empresas que fechem, suspendam ou demitam! Queremos a expropriação das fábricas que dão lucro e têm a mais alta tecnologia! Expropriação sem indenização e nacionalização sob controle operário de todos os monopólios do ramo automotivo como Ford, VW, Fiat, etc.! Re-estatização sem indenização e sob controle operário da Petrobrás, Embraer, Vale e todas as empresas privatizadas e pelo monopólio do comércio exterior! Abaixo o segredo comercial e bancário! Abertura dos livros de contabilidade e das contas bancárias do conjunto da patronal, para demonstrar que com a ciranda financeira e os subsídios dados por Lula, enviam ao exterior milhões de dólares, enquanto os trabalhadores e o povo pobre o pagam com fechamento, demissões, suspensões, arrocho salarial e repressão a suas lutas!

Raro "congresso operária e socialista", que não propõe que os 200 bilhões de dólares das reservas do Banco Central são dos trabalhadores e dos camponeses pobres. Expropriação sem indenização dos bancos, começando pelo Citibank, HSBC, Itaú, o Santander, etc.! Por um banco estatal único sob o controle dos trabalhadores, para perdoar as dívidas e dar créditos baratos aos camponeses pobres e sem terra, à classe média arruinada, aos trabalhadores! Não ao pagamento da dívida externa para garantir saúde e educação para os trabalhadores e o povo pobre! Expropriação sem indenização da educação privada e da Igreja! Imposto progressivo às grandes fortunas!

Por comitês de base, comitês de fábrica e assembléias, para reorganizar o movimento operário de abaixo para acima!

De que unidade dos explorados falam os dirigentes da Conlutas e a Intersindical, que não chamam à classe operária a selar a aliança com os camponeses sem terra e elevar-se como o caudilho da nação oprimida? Por que não chamam a desapropriar aos "fazendeiros", a nacionalizar a terra, sem indenização e pondo-a a produzir em fazendas coletivas sob controle operário, financiadas pelo Estado? A terra para os camponeses pobres e sem terra! Perdão das dívidas para todo pequeno produtor de menos de 100 hectares que trabalhe a terra e não explore mão de obra! Basta de escravidão para nossos irmãos negros das empresas e das fazendas! O caminho é a luta pela expropriação dos latifúndios, única forma de liberar aos escravos! Por que não convocam desde este congresso a constituir comitês de autodefesa contra a repressão de Lula e dos jagunços brancas dos fazendeiros?

A realidade é que não mais dos 10% da classe operária está nos sindicatos em Brasil. Para conquistar a unidade das fileiras operárias, não há que inventar nada novo, nem fusões de "centrais sindicais paralelas" às oficiais, nem organismos as costas das massas oprimidas pela burocracia pelega. Há que retomar a tradição dos comandos de greve que a classe operária pôs em pé nos anos 78-79 fazendo tremer à ditadura. Comitês de fábrica e piquetes para expulsar á burocracia de todas as organizações operárias! Há que impor a democracia direta! Que todos os dirigentes voltem a trabalhar ao terminar seu mandato!

Esse é o caminho: há que impor um Congresso nacional dos comitês de fábrica e do proletariado rural, dos comitês de camponeses pobres e sem terra, dos estudantes combativos, os sem

teto das grandes cidades, os trabalhadores estatais, com eleição de 1 delegado cada cem em todo o movimento operário, para unir as fileiras da classe operária, preparar as condições para uma greve geral por trabalho, salário e conquistar a ruptura com o imperialismo, para derrotar o ataque do governo e do regime.

Um congresso assim abriria a esperança de todos os explorados do Brasil e colocaria uma das classes operárias mais concentradas do continente em combate junto a seus irmãos de Argentina, Bolívia, Equador, Colômbia. É que se a classe operária brasileira se desata as mãos, as condições para o proletariado do continente seriam um milhão de vezes superiores e lhe permitiria voltar a retomar o combate revolucionário que protagonizou durante os primeiros anos do século XXI. Lamentavelmente, o CONCLAT não propõe que contra os capitalistas que nos querem fazer pagar pela crise, enquanto continuam aumentando suas fortunas com nossa miséria, que o caminho é a luta por expropriar aos expropriadores para ter pão, salário, terra, moradia, saúde e educação e expulsar ao imperialismo.

Tropas ianques desembarcam em Hiti.

Se a direção da Conlutas e a Intersindical rompessem com sua política atual de submissão á burguesia e levantam esta perspectiva de saída aos padecimentos das massas e para que os capitalistas paguem pela crises, despertaria o entusiasmo de milhões de explorados em todo o país. Assim ao contrário demonstraram que este congresso impulsiona como objetivo fortalecer a política eleitoral do PSTU e o PSOL ante as eleições presidenciais de outubro, como ala esquerda do Frente Popular de Lula, para redobrar o submetimento do proletariado ás instituições do regime e impedir o desenvolvimento da luta extra-parlamentar de massas.

As tarefas internacionais do proletariado brasileiro e o Encontro Internacional do ELAC

A convocação a um Congresso operário no Brasil que chama o enfrentamento ao governo Lula e a burocracia da CUT, que diz lutar pela unidade dos trabalhadores, não é crível se não se defronte com a política contra-revolucionária continental de Lula, o PT e a CUT, desde o FSM. Atuando como bombeiros frente a cada fogo revolucionário desde Argentina em 2001, o papel do governo Lula e a burocracia pelega foi chave em estabilizar todos os governos "bolivarianos" expropriadores da revolução latino-americana. Da mesma maneira vimos Lula viajar a Bolívia, a Colômbia, a Honduras, e selar os pactos contra-revolucionários que entregavam às massas como moeda de troca na disputa da fatia entre o imperialismo francês e suas burguesias nativas sócias e o imperialismo ianque que procura a força de bombas e golpes contra-revolucionários recuperar seu "quintal". Jogando esse papel de mediador entre todos, fazendo negócios com todos, Lula e as empresas brasileiras e as multinacionais ali instaladas conquistaram um lugar de privilégio no saque de todo o continente.

Mas se isto foi assim, é porque o ELAC, fundado em 2008, foi a ala esquerda de este cerco á revolução latino-americana montado pelo FSM. Cada vez que o imperialismo deu um golpe contra revolucionário e a burguesia bolivariana montava pactos para conter a resposta das massas, desde o ELAC seus dirigentes negaram-se a enfrentar os pactos, unir as fileiras operárias e que a classe operária atuara de forma independente em combate por seus próprios interesses.

Por isso é que os trotskistas da FLTI nada temos que fazer em um congresso junto á burocracia da COB que entregou a revolução boliviana á farsa da "revolução bolivariana" de Evo Morales e seu governo de Frente Popular.

Os dirigentes da LIT não podem ocultar que Montes, dirigente da COB, esteve representado pelos dirigentes da Federação Mineira no Congresso de fundação do ELAC. Que Montes, quando Morales assassinou a dois mineiros do Huanuni e deixou dezenas de feridos em agosto de 2008, os deixou isolados e lhes deu trégua e apoio ao governo de Frente Popular no Referendum Revocatório. Que quando os fascistas da Média Lua fizerem a massacre do Pando, foi Montes desde a direção da COB quem sustentou ao Morales, nego-se a chamar um congresso operário para unir aos explorados e por em pé a milícia operária e camponesa para esmagar ao fascismo, e terminou apoiando o pacto de Morales com a Média Lua Fascista que deixou a propriedade das melhores terras e o petróleo, gás e mineradoras nas mãos dos "cambas" e as transnacionais, enquanto no Altiplano as massas sofrem a fome e a repressão sob Morales. Hoje, nas piores condições pelas conseqüências desta traição de Montes e a burocracia da COB, os fabris da La Paz levantam-se pelo salário contra este pacto ao grito de "Fora os traidores de nossas organizações!" e "Montes traidor fora da COB!". Se a direção do ELAC e o congresso da Conlutas dizem apoiar a luta dos operários fabris, faz sua a demanda dos operários fabris? Que se expulse a Montes, Mitma e a burocracia da COB de todas as organizações operárias e do ELAC!

Como pode acontecer um congresso para unir aos operários brasileiros, norte americanos e hondurenhos, com a presencia de Alan Benjamin e Clarence Thomas, dirigentes dos portuários do Oakland, que chamando a sustentar Obama achataram aos setores mais avançados do movimento anti guerra dos Estados Unidos e ao movimento pelos direitos dos imigrantes, que convocaram duas greves gerais contra o Bush!

Foram estes dirigentes os que frente ao golpe na Honduras organizado por Obama negaram-se chamar a parar os portos, a barrar os envios de armas às bases ianques e que estas sejam enviadas à resistência hondurenha. Não movimentarem um dedo para unificar a força da classe operária do continente que tinha vontade de enfrentar este ataque contra revolucionário contra as massas no América Central com os métodos da revolução proletária. Não impulsionaram uma jornada continental de ruptura com a burguesia com a greve geral em toda América Central e que o operariado norte americano ponha-se de pé com seus próprios métodos de luta junto aos explorados da Latino América, com combates de barricadas, piquetes atacando a propriedade dos capitalistas.

Fazem parte da direção do ELAC os que nunca encaminharem desde as organizações operárias prepararam-se e organizaram-se brigadas operárias internacionais para viajar para Honduras e esmagar o golpe junto com a resistência que estava lutando retomando a tradição do operariado mundial frente à guerra civil espanhola nos 30.

Jamais o ELAC reuniu-se e assim mostrou que sua política de "frente democrático" foi submissão à burguesia bolivariana do Zelaya, que proponha um pacto com os golpistas, enquanto a resistência tinha sido massacrada nas ruas. Fora Alan Benjamin e Clarence Thomas é o único encaminhamento que pode unir aos operários do continente em guerra contra Obama, o açougueiro dos povos!

Não pode acontecer um congresso de unidade dos trabalhadores com a participação dos dirigentes do Batay Ouvriere do Haiti, que negaram-se a chamar a por em pé milícias operárias e brigadas operárias internacionalistas de médicos, socorrestes e combatentes, para acudir em ajudas das massas e derrotar aos invasores imperialistas, da Minustah do Lula e os bolivarianos, para expulsar-lhes da ilha. Forem estes dirigentes do ELAC no Haiti os que nunca chamarem a expropriar o alimento e a propriedade dos capitalistas para que sobrevivam as massas exploradas no Haiti e Dominicana. Os que nunca convocarem desde o ELAC um congresso internacional de emergência para lançar um encaminhamento urgente às organizações operárias do continente para impulsionar um plano de luta e a greve geral continental derrotando a política colaboracionista das burocracias desde Alasca hasta Terra do Fogo.

Neste Encontro Internacional em Santos, estará o dirigente da GM e a Conlutas, Dos Santos, que viajou para Argentina a princípios de 2009 no meio da luta dos operários siderúrgicos contra o fechamento de Paraná Metal (ex Metcom) em Villa Constitución em o cordão do aço para abraçar-se e sustentar a política entregadora da burocracia da UOM/CTA (União Operária Metalúrgica/Central dos Trabalhadores Argentinos) que impôs as demissões o arrocho salarial. E depois correu para Córdoba e ante os operários metal mecânicos sublevados contra as demissões, as suspensões e o arrocho salarial, impulsionada pela patronal e o governo, dizia-lhe que no tinham que lutar contra a burocracia da UOM/CGT (Confederação Geral dos Trabalhadores) que foi quem a impôs. Para conquistar a unidade internacionalista da classe operária que combate contra os mesmos monopólios em ambos lados da fronteira: Nada temos que fazer com estes dirigentes em uma mesma reunião internacional!

Junto a estes dirigentes, participarão correntes como Chukaku-Há que desde o Japão atuaram para sustentar aos dirigentes traidores dos portuários dos EUA e são serventes do governo dos mandarins chineses exploradores de sua própria classe operária a conta do imperialismo ianque e japonês.

Mas a principal prova que demonstra que o congresso do ELAC não é para unir a luta internacional dos trabalhadores é que a direção do PSTU/LIT dirigente do ELAC e a CONLUTAS chama aos trabalhadores a unir-se com a bandeira dos "anticapitalistas" da Europa dirigidos pelo mandelismo. Os dirigentes do ELAC em lugar de chamara unir aos operários da Latino América com a classe operária européia que enfrenta e resiste o ataque, chamando a votar neste congresso do Brasil a convocação de um congresso em Atenas pela luta internacional da classe operária, diz-lhe aos trabalhadores brasileiros e do continente que há que se unir com Besancenot e os anticapitalistas europeus. Mas se esses são os que na Europa dizem que há que "fazer forte à União Européia", essa União Européia massacradora e predatória dos povos da Ásia, África, América Latina e de todo mundo! Que a LIT explique porque foram a Madri a lutar por um imposto de 2% às transações financeiras, e não às ruas da Atenas insurrecta a convocar um congresso continental e a greve geral européia, para romper o cerco e o isolamento que lhe impuseram ao combate da classe operária grega desde a contra-cume do Madri, para impedir que comece a revolução na Grécia e em toda a Europa. Como vão chamar aos operários a pôr-se detrás da bandeira do Besancenot e o NPA Francês, os continuadores de Thoréz e o stalinismo europeu para estrangular a revolução européia?

Como os operários brasileiros podem conquistar sua unidade da mão do mandelismo que lhe deu ministros a Lula? Miguel Rosseto, foi seu ministro da reforma agrária, e em seu mandato eram massacrados os camponeses sem terra! Heloisa Helena foi homenageada por essa gruta de assassinos e escravistas do senado

A burguesia bolivariana no Foro Social Mundial em Belém do Pará, 2009.

brasileiro ao terminar seu mandato, depois de que denunciasse "como um ato contra a democracia" a invasão ao parlamento dos desesperados camponeses sem terra em luta e contra o massacre dos fazendeiros!

A FLTI não entra a esse congresso se não é para propor como primeiro encaminhamento que se condene a presença destes burocratas inimigos dos trabalhadores e se os expulse de imediato. Nos congressos da Conlutas e o ELAC, sempre falam estes dirigentes e outros como Petras e Celia Hart, sustentadores do castrismo e o chavismo, mas nunca se permite a voz do trotskismo que se levanta para denunciá-los. Sem expulsar a estes dirigentes, de que encontro internacionalista, classista e anti imperialista falam os dirigentes do PSTU? Basta de encobrir, há que jogar aos dirigentes pelegos e poderá então ser um congresso para unir aos trabalhadores de todo o continente! De não ser assim, será um congresso como os que organizava o stalinismo nos anos 30 sob a batuta de Lombardo Toledano, para submeter à classe operária aos imperialistas "democráticos" e os frentes populares que estrangulavam às revoluções espanhola e francesa, onde se jogava a Mateo Fossa e os trotskistas que se levantavam a denunciá-los.

Hoje, o que precisa a classe operária de todo o continente para combater contra os pactos que a atam à burguesia e ao imperialismo e brigar por seus interesses é um verdadeiro Congresso Continental de delegados operários e camponeses pobres para votar romper com a burguesia e unificar nossas forças.

Esta tarefa permitiria de imediato que a classe operária cubana, que enfrenta o plano de demissões de um milhão de trabalhadores a mãos da burocracia castrista, como parte no salto na restauração capitalista, tivesse aliados com quem combater. Abaixo o plano de demissões da burocracia castrista restauracionista! Pela revolução política em Cuba, para derrocar à burocracia castrista! Há que defender a revolução cubana do bloqueio imperialista e a restauração capitalista que dirigem os irmãos castro! Abaixo a burocracia, suas medalhas e condecorações! Por conselhos operários armados da ampla maioria da população que vive com 18 dólares mensais, para que sejam eles os que decidam como defender a conquista do Estado Operário!

Um Congresso de ruptura com a burguesia, que defronte os pactos de entrega da classe operária no continente americano, terá toda a autoridade para chamara derrotar esta mesma política internacional contra revolucionária, com que se oprime a nossos irmãos de Oriente Médio e em primeiro lugar ao glorioso proletariado e os camponeses pobres da Palestina martirizada. Rompam com a burguesia! Basta de comiseração de ajuda humanitária ao martirizado povo palestino! Que o ELAC chame a pôr em pé a Marcha do Milhão de Operários nos Estados Unidos e a lutar por expropriar sem pagamento e sob controle operário a todos os monopólios imperialistas da alimentação, os grandes laboratórios e indústrias de alta tecnologia médica de todo o continente para garantir que cheguem água, alimento e medicinas para o povo palestino! Que o ELAC rompa com a burguesia e chame a que os portuários de Oakland rompam sua subordinação à "Obama-manía" e se reabra o caminho à greve e os piquetes contra a maquinaria de guerra ianque, a paralisar os portos para impedir o armamento do sionismo e enviar armamentos e petrechos à resistência palestina para que Oriente Médio seja a tumba do gendarme sionista e de todas as tropas imperialistas na região; Pela destruição do Estado sionista-fascista de Israel!

Este congresso de unificação e Encontro Internacional do ELAC, se quer unir à classe operária do continente, que o demonstre. Votem a ruptura com a burguesia, e joguem aos fura-greves como Montes, Benjamin, Clarence Thomas, Didier Dominique! Denunciem e rompam com essa gruta de partidos social imperialistas que é a Contra-cume dos Povos, do Madri! Não se mistura a água e o fogo! Se não o fazem, a LIT/PSTU demonstrará que novamente armou um encontro "internacional" para conter por esquerda e submeter ainda mais ao proletariado nos próximos combates, como os continuadores dos congressos de Lombardo Toledano.

Já em 2008 nossos camaradas latino-americanos alertavam à classe operária do continente que a direção da LIT, usurpando o nome do trotskismo e, preparava-se para prestigiar a toda a burocracia traidora desde Alasca até Terra do Fogo. Basta! Não se podem misturar as bandeiras da IV com o partido de Besancenot-Thoréz, não se pode unir com o partido que pôs o Programa de Transição embaixo do braço do Chávez. Os militantes desse congresso no Brasil que dizem defender as bandeiras do trotskismo estão ante uma disjuntiva de ferro: detrais dos passos da IV ou seguindo à LIT detrais dos passos de Lombardo Toledano.

A este programa que cá levantamos a LIT o chama sectarismo, e recordamos que os bolcheviques leninistas e a Quarta Internacional foram chamados sectários uma e outra vez pelas forças do oportunismo.

Nós como representantes dos interesses das massas africanas martirizadas, estamos orgulhosos de ser parte e de lutar por ser a continuidade histórica do melhor da vanguarda da América e da África, preparados para cada dia combater pela revolução proletária junto às massas em luta, aprendendo delas, enquanto levamos adiante o combate político e teórico para desmascarar aos usurpadores e entregadores de nosso partido, a IV Internacional. Demasiado sofreram as massas africanas sob a opressão do stalinismo e o castrismo, sustentados pelos renegados do trotskismo desde o continente americano e Europa, mas já não mais! Negamos-nos a atar-nos à esquerda do stalinismo! Se os operários de base da CONLUTAS e a Intersindical, por sua própria e dolorosa experiência compreenderam que em nome do socialismo e depois da IV Internacional se entregaram tantos combates, a eles lhes dizemos rompam com a burocracia da CUT, com o stalinismo, com o morenismo, com o mandelismo e unamos nossas forças num Comitê organizador para Re-fundar a IV Internacional. Este Comitê terá em suas mãos a tarefa de terminar a obra em América que começasse a IV Internacional de 1938, que propunha: "*…Para os bolcheviques leninistas, não há nenhuma tarefa mais importante do que estabelecer a conexão e mais tarde a unificação entre as diferentes partes da organização proletária do continente, criando um organismo tão bem construído que qualquer vibração revolucionária dele acontecida na Patagônia repercuta imediatamente como transmitida por um sistema nervoso perfeito, nas organizações proletárias revolucionárias dos Estados Unidos. Enquanto tal coisa não se realize, a tarefa dos bolcheviques leninistas no Continente Americano, não se terá levado a cabo". (datado o 30/11/1937, publicado em Clave N° 4, Primeira Época, janeiro de 1939).*

03-06-2010

WORKERS INTERNATIONNAL VANGUARD LEAGUE

O PSTU e o PSOL racham o CONCLAT para desmoralizar à vanguarda operária brasileira

Tanto a CONLUTAS (PSTU/LIT) como a INTERSINDICAL (PSOL) chegaram ao congresso de "fusão" - no que só para participar **cada delegado devia pagar quase R$700 (mais de U$S 300)** para poder ingressar ao plenário que se realizou no luxuoso **"Medes Convention Center"**- com um mesmo programa reformista. A INTERSINDICAL propôs o seguinte: *"Realização de atos, assembléias, manifestações pelo fim do fator "previdenciário" (fim do topo ao valor das pensões e aposentadorias) e contra o Veto presidencial. Campanha pela redução da jornada de trabalho. Campanha de defesa dos serviços públicos e valorização da Educação. Campanha contra a precarização do trabalho (assédio moral, terceirização e doenças do trabalho). Campanha contra a criminalização do movimento social e sindical"*. A CONLUTAS fez o próprio apresentando *"Uma Plataforma Política para o Movimento Sindical e Popular"*, que contempla todos os pontos programáticos da INTERSINDICAL, junto a uma série de campanhas de solidariedade internacional em general.

Mobilização da greve da USP em 2009.

A proposta feita pela CONLUTAS foi a que se aprovou finalmente. Mas em nenhum momento estas correntes disseram que para conquistar a mais mínima das demandas é necessário rebelar-se contra a CUT, o governo Lula e o regime do Pacto Social. E a isto não podiam dizê-lo porque foram os morenistas do PSTU-LIT como os mandelistas do PSOL os que dividiram as fileiras da classe operária isolando setor por setor as greves salariais que tendiam a enfrentar ao Pacto Social. É mais, terminaram subordinando-as à pelegada da CUT, como sucedeu no São Pablo com a greve de 50 mil professores da APEOESP. Por isso não é de estranhar que -horas depois- nas jornadas do "Encontro Internacional" tenham recusado a proposta apresentada pelos fabris de La Paz (Bolívia).

Contra o programa reformista do PSTU e o PSOL e seu servilismo para com o Pacto Social e o governo Lula, os trotskistas da Fração Leninista Trotskista Internacional (FLTI) afirmamos que só enfrentando aos governos bolivarianos e às burocracias sindicais que os sustentam, a classe operária poderá impor suas demandas e fazer que a crise realmente a paguem os capitalistas, expropriando aos expropriadores. Para dar este combate o proletariado brasileiro deve atar sua sorte e seu destino ao combate do proletariado internacional e seus irmãos de classe do continente; o que implica ser carne e sangue da luta contra os pactos contra revolucionários e os governos de frente popular, como o que vêm protagonizando os Fabris de La Paz junto aos trabalhadores do Magistério da Bolívia contra a burocracia colaboracionista de Montes da COB, que submete ao proletariado boliviano ao governo de Evo Morales e seu pacto com a Média Lua fascista.

Justamente porque se negam a lutar contra a ***"demagogia"* dos governos que posam de "esquerda e as burocracias que os sustentam**, o PSTU como o PSOL não chamaram a que este CONCLAT seja um verdadeiro congresso operário e camponês, que unifique ao conjunto da classe operária, com os 60 milhões de explorados que vivem do assistencialismo e os milhões de camponeses pobres e sem terra. Só unindo ao conjunto da classe operária se poderá frear o redobrado ataque, que já deixou dois milhões de operários demitidos enquanto os que ainda permanecem em seus postos de trabalho são confinados a produzir o dobro em ritmos de produção infernais.

Unindo suas forças o proletariado estará em melhores condições de enfrentar e derrotar ao regime infame do Pacto Social do imperialismo, o governo Lula, a patronal escravista e seus agentes da burocracia pelega da CUT. Para isso, se voltou de vida ou morte organizar um único combate dos explorados que ponha em pé os comitês de autodefesa para enfrentar à repressão do Estado e das guardas brancas dos "fazendeiros" e abra o caminho à Greve Geral pela re-incorporação de todos os demitidos, pela escala móvel de salário e horas de trabalho, por

trabalho digno para todos, pela expropriação dos terratenentes sem pagamento e sob controle operário, pela re-nacionalização sem pagamento e sob controle operário de todas as privatizadas e de todas as transnacionais e o monopólio do comércio exterior.

Desgraçadamente para a vanguarda combativa brasileira e do continente, tanto o PSTU como o PSOL -e todos os grupos como a LBI, a LER, PCO, T-POR, POM, etc., que lhe cobrem as costas usurpando as bandeiras do trotskismo- se negam a lutar por esta perspectiva, que significa impulsionar ao proletariado pelo caminho da luta pela tomada do poder e a revolução operária e socialista em todo o cone sul, para terminar com os padecimentos inacreditáveis e a miséria que golpeia às massas. Isto demonstra que o proponho de lutemos "*por uma sociedade socialista*", como finalizava o programa que se tinha lembrado no CONCLAT, não foi mais que se vestir de vermelho um dia de festa, já que não enfrentar ao regime do Pacto Social significa não querer lutar contra o governo de Lula e renegar da luta pela revolução operária e socialista.

O PSTU e o PSOL rompem o CONCLAT numa disputa pelo controle da "nova" central sindical

O PSTU e o PSOL, depois de ter vindo sustentando um mesmo programa antes e durante o congresso, romperam toda possibilidade de unidade entre CONLUTAS e a INTERSINDICAL com a desculpa do "nome da nova central sindical". Mas, se já tinham acordo no programa por que se rompeu ao redor de uma diferença de nome? Os fatos não dão lugar a dúvidas, romperam para desmoralizar à vanguarda combativa. **Que o PSTU e o PSOL demonstrem o contrário! 500 delegados ao CONCLAT já deram seu veredito: valentemente se retiraram ao grito de "são *os pelegos de esquerda*"!**

Romperam o CONCLAT porque estava em jogo que quem dirigisse a nova central poderia garantir-se a cobrança das quotas sindicais como descontos compulsivo (impostos sindicais), já que por lei devem estar filiadas mais de 100 seccionais sindicais, questão só viável com a "unificação". Esta é outra demonstração de que este congresso nada tinha que ver com a independência das organizações operárias frente ao Estado. É que são inimigos de que as quotas sindicais sejam cobradas pelos dirigentes ao pé das máquinas ou nos lugares de trabalho. Nunca foi objetivo dos que convocaram ao CONCLAT acabar com o desconto compulsivos das quotas sindicais, e pela independência das organizações operárias da tutela do Estado.

O PSTU e o PSOL nada têm que ver com o trotskismo que propõe: "*Temos que nos adaptar às condições existentes em cada país dado para mobilizar às massas não só contra a burguesia senão também contra o regime totalitário dos próprios sindicatos e contra os dirigentes que sustentam esse regime. **A primeira consigna desta luta é: independência total e incondicional dos sindicatos respeito do Estado capitalista. Isto significa lutar por converter os sindicatos em organismos das grandes massas exploradas e não da aristocracia operária"**. "Em realidade, a independência de classe dos sindicatos quanto a suas relações com o Estado burguês somente pode garanti-la, nas condições atuais, uma direção da Quarta Internacional. Naturalmente, esta direção deve e pode ser racional e assegurar aos sindicatos o máximo de democracia concebível sob as condições concretas atuais. **Mas sem a direção política da Quarta Internacional a independência dos sindicatos é impossível"***. (Leon Trotsky, Os sindicatos na era da decadência imperialista, Agosto de 1940).

Os renegados do trotskismo: uma vez mais, inimigos da democracia operária

Depois da ruptura pelo controle da nova central sindical que surgiria da unificação entre a CONLUTAS e a INTERSINDICAL, um dirigente do PSTU/LIT interveio propondo que esta ruptura em outros países, com a minoria assobiando ao dirigente da maioria, "*termina aos tiros ou pelo menos aos paus*", para "pintar" a este CONCLAT como o mais "democrático do mundo". Querem ocultar que são eles quem no 2002 moeram a paus para dirimir diferenças políticas a militantes do Partido da Causa Operária (PCO) num 1° de Maio. Da mesma forma atuaram contra o "Comitê pelo Voto nulo" no São Luis do Maranhão, em 2008: mandaram a Quilombo Urbano a moer a paus aos integrantes de dito Comitê porque levantavam uma política diferente à do PSTU frente às eleições. Raro congresso "democrático" o do CONCLAT, que diz que levanta os métodos da democracia operária, da moral e os princípios de classe e seus dirigentes seguem guardando um vergonhoso silêncio sobre o ataque ao "Comitê pelo voto nulo". Sempre dando paus aos burocrata da CUT ou Força

Frustração de centenas de delegados com a ruptura do CONCLAT

Como nos planos do PSTU e o PSOL estava pôr em pé uma central sindical tão estatizada como a CUT, é que o CONCLAT nada teve que ver com a tradição da "*democracia dos trabalhadores em luta*" que conquistou a vanguarda combativa pondo em pé os ***"comitês de fábrica"*** e os ***"comandos de greve"***, que fizeram tremer à ditadura a fins da década do '70. Contra o PSTU e o PSOL já se levantou o Programa de Transição que diz: "*as seções da IV Internacional devem esforçar-se constantemente não só em renovar o aparelho dos sindicatos propondo atrevida e determinadamente nos momentos críticos novos líderes dispostos à luta em lugar de servidores públicos rotineiros e carreiristas, senão também de criar em todos os casos em que seja possível, organizações de combate autônomas que respondam melhor aos objetivos da luta de massas contra a sociedade burguesa, sem arredar-se, se fosse necessário, frente a uma ruptura aberta com o aparelho conservador dos sindicatos*". (Programa de Transição, 1938).

Infelizmente o CONCLAT divide à classe operária e limita suas forças, porque cria uma nova central sindical **-num acordo por acima das direções dos aparelhos-** com um programa de submetimento à burguesia nativa que é inimigo da luta pela democracia direta. Por isso o CONCLAT não foi chamado a ser impulsionado por milhares de Comitês de fábrica de empregados e desempregados e piquetes de greve que varressem à burocracia

pelega de todas as organizações operárias; também não por assembléias de base de todas as fábricas e estabelecimentos onde participem e votem seus delegados os milhões de operários que dizem representar, tanto a CONLUTAS como a INTERSINDICAL. Enquanto por outro lado, os renegados do trotskismo não levantaram jamais no CONCLAT a luta pela revogabilidade dos dirigentes e delegados por simples maioria nas assembléias de base. Justamente porque o PSTU é inimigo de esta política, usa os "paus" contra seus dissidentes políticos para que as correntes operárias não se expressem livremente, porque com "paus" se defendem a burocratas das centrais sindicais que vivem com privilégios e não querem saber nada com voltar a trabalhar.

Há que reagrupar ao proletariado brasileiro, para enfrentar à burocracia *pelega*, ao governo e seu regime infame do Pacto Social!

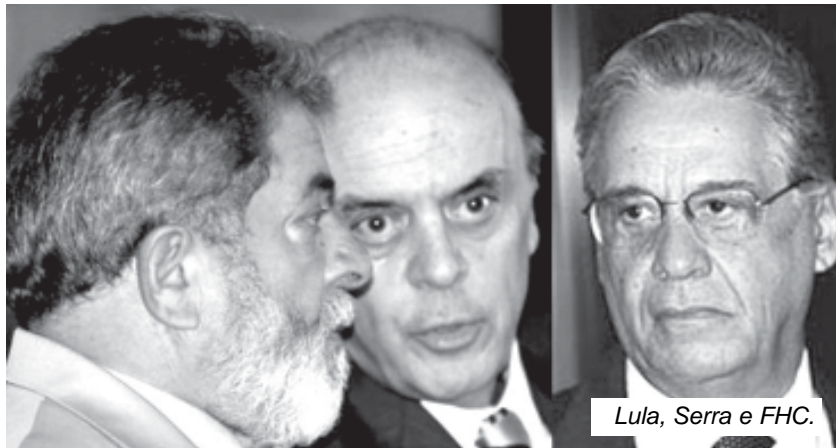
A vanguarda dos trabalhadores do Brasil que viam a este congresso de "unificação" como um passo de reagrupamento da vanguarda operária, viu suas justas aspirações frustradas pelo acionar destas direções. É que o congresso "unitário" nunca existiu. Mais de 500 delegados dos 3000 que tinha o congresso ao ver a briga da burocracia da CONLUTAS e a INTERSINDICAL, levantaram-se e se foram deste congresso ao grito de "*são os pelegos de esquerda!*".

Lula, Serra e FHC.

Os 500 delegados, que enfrentaram o claro objetivo do PSTU e o PSOL de desmoralizar à vanguarda combativa, não podem seguir isolados. Não se pode deixar nas mãos da CONLUTAS e a INTERSINDICAL a tarefa imediata de unir as fileiras operárias. Eles demonstraram não querer fazê-lo. Contra eles o proletariado brasileiro deve pôr-se de pé e impor a ruptura das organizações operárias com a burguesia, o governo Lula e o regime do Pacto Social, para isso precisa um verdadeiro congresso nacional de delegados de base de operários empregados, desempregados, camponeses pobres e estudantes combativos, que acabe com a burocracia da CUT e imponha a Greve Geral e **frear o ataque dos capitalistas e seu governo**, lutando por: Abaixo o "Pacto Social" do imperialismo, Lula, a patronal escravista, o PT e a CUT! Abaixo a burocracia pelega de todo cor e pelagem! Há que desconhecer os acordos salariais e o Pacto de Ação Sindical assinado pela CUT, Força Sindical, CTB, CGTB e UGT, e chamar à classe operária e os explorados a desacatá-los! Há que preparar uma greve geral para enfrentar a este governo escravista!

Para que surja um verdadeiro congresso de luta há que impor: Basta de submetimento às leis da burguesia, a seus parlamentos e ao regime infame! Votemos a ruptura em todas as organizações operárias de toda atadura com a burguesia e marchemos a um verdadeiro congresso de unidade da classe operária! Os trabalhadores nos organizamos como queremos! Fora as mãos do Estado, abaixo as conciliações obrigatórias do Ministério de Trabalho! Abaixo os impostos sindicais! Por comitês de fábricas que unam a trabalhadores empregados e desempregados num mesmo combate contra a burocracia pelega e o governo Lula!

Para começar a unir as fileiras dos trabalhadores: Re-incorporação imediata dos dois milhões de demitidos, trabalho digno para todos e escala móvel de salários e horas de trabalho para todo o movimento operário brasileiro já! Abaixo os planos de beneficência! Efetivação de todos os contratados! Salário conforme à cesta básica indexado segundo a inflação e que esta seja medida pelas organizações operárias!

Para que a classe operária e os explorados vivam o capitalismo deve morrer: Ocupação e expropriação, sem pagamento e sob controle operário, de todas as empresas que fechem, suspendam ou demitam! Queremos a expropriação das fábricas que dão lucro e têm a mais alta tecnologia! Expropriação sem pagamento e nacionalização sob controle operário de todos os monopólios do ramo automotivo como Ford, VW, Fiat, etc.! Re-nacionalização sem pagamento e sob controle operário da Petrobras, Embraer, Vale e todas as empresas privatizadas e pelo monopólio do comércio exterior! Abaixo o segredo comercial e bancário! Abertura dos livros de contabilidade e das contas bancárias do conjunto da patronal, para demonstrar que os patrões com a ciranda financeira e os subsídios entregados por Lula, fizeram fugir milhões de dólares, enquanto os trabalhadores e o povo pobre o pagam com fechamentos, demissões, suspensões, rebaixas salariais e repressão a suas lutas!

Para que tenha salário e trabalho, há que romper com todos os pactos e acordos que atam a nação ao imperialismo: Os 200 bilhões de dólares das "reservas" do Banco Central são dos trabalhadores e dos camponeses pobres! Expropriação sem pagamento da banca, começando pelo City Bank, HSBC, Itaú, o Santander, etc.! Por uma banca estatal única sob o controle dos trabalhadores, para dar créditos baratos aos camponeses e trabalhadores sem terra, à classe média arruinada, aos trabalhadores, o povo pobre e perdoando as dívidas! Não ao pagamento da dívida externa para garantir saúde e educação para os trabalhadores e o povo pobre! Expropriação sem pagamento da educação privada e da Igreja! Imposto progressivo às grandes fortunas!

Como no ELAC e a “Contra cume do Madri”...
Mais uma vez, os renegados do trotskismo aos pés de Obama e as burguesias bolivarianas

O CONCLAT e seu “Encontro Internacional”
Um novo cerco à vanguarda operária boliviana e mundial

Novamente, esta vez no Brasil, reuniram-se os renegados do trotskismo em suas variantes morenista e mandelista, junto as restantes direções reformistas que com sua política vêm subordinando os combates da classe operária aos interesses da burguesia. Outra vez o capital em ruínas reagrupou ao asa esquerda do V Internacional de Chávez e as boli-burguesias, de Hu Jintao e os mandarins vermelhos do PC chinês e a burocracia castrista restauracionista.

O dia 5 e 6 de junho, na cidade de Santos, Brasil, realizou-se o congresso de “fusão” das centrais sindicais **CONLUTAS** (dirigida pelos morenistas do **PSTU/LIT)** com a **INTERSINDICAL** (dirigida pelos mandelistas do **PSOL)**, sob o nome de ***“Congresso da Classe Trabalhadora / CONCLAT”***. A este congresso foram 3.000 delegados em representação de 3 milhões de trabalhadores, demonstrando o entusiasmo acordado em amplos setores de vanguarda, que viam ali um caminho para unificar suas forças, enfrentar os ataques do governo de Lula e varrer com a burocracia pelega da CUT.

Dito congresso contou entre os que o convocaram, além de CONLUTAS -PSTU/LIT- e INTERSINDICAL -PSOL-, ao Movimento de Trabalhadores Sem Teto (MTST), o Movimento Terra Trabalho e Liberdade (MTL), o Movimento Avançando Sindical (MAS) e a Pastoral Operária (PO), tal qual o tinham lembrado faz um ano no Foro Social Mundial (FSM).

Mas este congresso de “unificação” se “rachou” (matéria aparte) com o pretexto de qual seria o nome da “nova” central sindical. Digamos a verdade: o PSTU e o PSOL decidiram rachar o CONCLAT para aprofundar a divisão que reina sobre a vanguarda operária, e assim levar à desmoralização às faixas do proletariado mais combativo.

Ao outro dia, o 7/6 na Praia Grande, tanto o PSTU-LIT como o PSOL, se “reunificaram” novamente no ***“Encontro Internacional, Viva a unidade internacional dos trabalhadores”***, onde participaram mais de cem delegados internacionais de América, Europa e Japão. Este “Encontro Internacional” é continuidade do **ELAC (Encontro Latino Americano e Caribenho de Trabalhadores)** que em 2008 se pusesse de pé para com sua política de colaboração de classes submeter a ala esquerda do proletariado de todo o continente a Obama e as burguesias bolivarianas. E também é continuidade da recente ***“Contra-Cume dos Povos”* do Madri** onde as direções reformistas se centralizaram ao redor da política de “*União Européia forte e social*”, com a qual se posicionam na calçada contrária de organizar e centralizar o combate do proletariado grego e do resto da Europa para enfrentar o feroz ataque dos parasitas do capital financeiro e os governos imperialistas contra as massas. Demonstram assim que são inimigos de preparar e organizar a greve geral continental para que a classe operária com seus combates revolucionários poda demolir a Europa imperialista de Maastricht e avancem para os Estados Unidos Socialistas da Europa.

No entanto, ao CONCLAT e seu “Encontro Internacional” também assistiram delegações da Bolívia da **Federação de Juntas Vicinais (FeJuVe) do El Alto e os Fabris de La Paz**, quem procuravam um caminho internacionalista para enfrentar ao governo de frente popular de Evo Morales e à burocracia colaboracionista da COB. **Estas delegações de organizações bolivianas propuseram valentemente como moção que se votasse a luta contra as burguesias bolivarianas e enfrentar a “demagogia” das burguesias como a do governo da frente popular de Morales.** Infelizmente **o “Encontro Internacional” votou na contramão deste encaminhamento**, pondo ao nu que todas as correntes presentes se submetem à burguesia, já que negar-se a denunciar e a enfrentar “as demagogias burguesas contra os trabalhadores” é renegar da luta pela revolução e pela derrubada revolucionária de seus governos e regimes infames, serventes do imperialismo. Não denunciar nem enfrentar “as demagogias das burguesias nacionais” significa submeter à classe operária país por país às mesmas. Em definitiva a política votada no “Encontro Internacional” do CONCLAT divide à classe operária Latino Americana e mundial para cercar, afogar e desviar qualquer tentativa de responder com sua luta antiimperialista e revolucionária ao ataque da burguesia.

Não enfrentar a "demagogia" burguesa é: ser um servente desse Bush tisnado, que é o açougueiro Obama, quem comanda os massacres do imperialismo ianque no planeta. É renegar da luta contra a burocracia castrista, que junto ao imperialismo avançam com a restauração capitalista na Cuba e se aprestam a deixar na rua a um milhão de trabalhadores. É negar-se a enfrentar a esses governos que em nome da "democracia" assassinam operários, como o fez Chávez com dezenas de dirigentes operários e estudantis, Evo Morales que mandou ao exército a massacrar aos mineiros de Huanuni, ou Lula que com seu ex Ministro de desenvolvimento agrário –o mandelista Miguel Rosseto (hoje presidente da PETROBRAS)- legitimou o acionar das guardas brancas dos fazendeiros para assassinar a centos de camponeses sem terra, ao mesmo tempo que mantém militarizadas as favelas numa constante matança, repressão e perseguição contra os "pobres diabos" que vivem amontoados nos morros.

Lamentavelmente com sua política, as direções reformistas reunidas no "Encontro Internacional" se preparam para voltar a cercar o combate do proletariado na Bolívia e impedir que se reabra a revolução nesse país. Este CONCLAT é uma reafirmação do ELAC de 2008, organizado pelos renegados do trotskismo do PSTU/LIT. Ontem sustentaram ao burocrata Montes da COB, recobrindo-o com uma roupagem "trotskista", enquanto este submetia ao combativo proletariado boliviano ao governo da frente popular de Evo Morales que pactuava com a Média Lua fascista massacradora de operários e camponeses. Hoje se colocam num ângulo de 180 graus dos combates que vêm protagonizando os fabris de La Paz, quem em 2008 ante a levantamento fascista da Média Lua chamaram à classe operária a pôr em pé milícias operárias para achatar ao fascismo, e que agora ao grito de ***"Montes traidor, fora da COB!"***, são a avançada na luta contra os pactos contra revolucionários dos governos da frente popular e o imperialismo no continente. O programa de colaboração de classes aprovado no "Encontro Internacional" do CONCLAT é o programa que defende e sustenta Pedro Montes e a burocracia cobista (da COB, NdT) colaboracionista odiados pelo proletariado e faixas das massas combativas!

As massas da Honduras enfrentam ao exército pro imperialista, 2009.

Era correta o alerta dos camaradas da WIVL que, em resposta ao convite da CONLUTAS-PSTU, avisavam que este CONCLAT com a política imposta pela direção da CONLUTAS e a INTERSINDICAL, orientava-se, **por seu caráter de colaboração de classes**, a ser a continuidade dos congressos sindicais do stalinismo da década dos 30, que encabeçasse Lombardo Toledano, para subordinar ao proletariado aos imperialismos "democráticos" e sustentar às frentes populares que estrangulavam as revoluções espanhola e francesa daqueles anos; traições que abriram o caminho à II Guerra Mundial que o proletariado teve que pagar com dezenas e dezenas de milhões de mortos.

Como continuidade da Cume dos Povos de Madri: Depois de rachar o CONCLAT, as direções reformistas e colaboracionistas centralizam suas forças no "Encontro Internacional".

Ao dia seguinte de rachar o CONCLAT, o PSTU e o PSOL voltaram a juntar-se. Como continuidade do ELAC de 2008, do Foro Social do Belém de 2009 e a "contra cume" realizada no Madri em maio de 2010, o 7 de junho se realizou o "Encontro Internacional" do CONCLAT. Deste Encontro, além do PSTU-LIT e o PSOL, participaram também Jane Slauter dirigente do Labor Notes, organizações que reúnem oposições sindicais nos EUA, e também desse país, Jeff Macler por Socialist Action. Ademais assistiram: uma delegação japonesa encabeçada por Teruoka Seichii, membro do executivo do Sindicato Nacional dos Ferroviários de Douro-Chiba e dirigente da JRCL-NC Chukaku-Há; Sotires Martalis membro da Federação de Servidores Públicos da Grécia; junto a delegações dos NPA (Novos Partidos Anticapitalistas, NdT) europeus, Christian Mahieux da França, e representantes de Espanha, Portugal, Suíça, Alemanha e Rússia. Participaram também Didier Dominique, da organização sindical e popular Batay Ouvriye do Haiti, Orlando Chirino pela C-CURA da UNT da Venezuela, Juan Barahona, representante da Frente Nacional da Resistência da Honduras, e representantes de México, Costa Rica, El Salvador, Panamá, Peru, Chile, Argentina, Colômbia, Equador, Uruguai e Paraguai.

Nada bom se podia esperar dos que assistiram a esse encontro. É que ali se voltaram a reunir os que depois da catástrofe do terremoto em Haiti, com Batay Ouvriye à cabeça com sua política de "ajuda humanitária, sim; ocupação militar, não" ante a avançada militar ianque se negaram a chamar a

formar milícias operárias e brigadas operárias internacionalistas de médicos, socorrestes e combatentes, para ir à ajuda das massas e derrotar aos invasores imperialistas, da Minustah de Lula e restantes bolivarianos, para expulsá-los da ilha. É que oram estes mesmos dirigentes que ontem desde o ELAC no Haiti, nunca chamaram a expropriar o alimento e a propriedade dos capitalistas para que sobrevivam as massas exploradas no Haiti e Dominicana. Nunca convocaram a um Congresso Internacional de emergência, para lançar um encaminhamento urgente nas organizações operárias do continente para impulsionar um plano de luta e a Greve Geral continental derrotando a política colaboracionista das burocracias de Alaska a Terra do Fogo.

Se juntavam novamente os que, junto aos social patriotas ianques Alan Benjamin e Clarence Thomas, usurparam o combate dos portuários do local 10 do ILWU de Oakland, na Bahia de São Francisco, que com mobilizações, greves, piquetes e boicote, eram a vanguarda do movimento anti-guerra contra Bush e as petroleiras imperialistas. Também liquidaram ao movimento pelos direitos dos imigrantes que convocassem a duas greves gerais. Em ambos os casos levaram a essa ala esquerda do proletariado norte-americano aos pés do açougueiro Obama.

Encontravam-se todos os que ante o golpe contra revolucionário de Obama e sua base militar, a United Fruit, a igreja e Micheletti, na Honduras, subordinaram-se a Zelaya (o presidente deposto) e se negaram a enfrentar o golpe militar com os métodos da revolução proletária, permitindo que massacrassem à vanguarda operária e camponesa hondurenha.

Centralizavam suas forças os que da mão de Bensancenot e o NPA francês, apoiado por todos seus sócios europeus, foram a trair a greve geral revolucionária em Guadalupe e Martinica no Caribe centro americano, onde propuseram que a demanda de 200 euros de aumento "não saísse dos bolsos dos contribuintes da França", defendendo assim os interesses da V República. São "socialistas" de palavra e verdadeiros defensores das colônias de ultramar da França imperialista, que se negaram a impulsionar a expulsão das tropas dos açougueiros franceses.

Fica demonstrado que no CONCLAT e seu "Encontro Internacional" se centralizaram a nível internacional, desde América a Europa e chegando até a Ásia, as direções reformistas cujo papel é sustentar por esquerda aos governos bolivarianos nas semi coloniais e submeter à classe operária das metrópoles aos governos e regimes imperialistas, em momentos em que os capitalistas redobram seu ataque contra a classe operária e os explorados a nível mundial.

Agora todos juntos se preparam com Chukaku-Hà à cabeça, para conter à classe operária do Japão que é a que tem em suas mãos a chave para liberar do jugo imperialista ao proletariado profundo da Ásia, que entra ao combate na Coréia do Norte, China e na Península da Indochina.

Um "Encontro Internacional" aos pés das burguesias da "frente democrática", que recusa o valente encaminhamento dos fabris de La Paz de enfrentar a "demagogia" das burguesias e seus governos bolivarianos

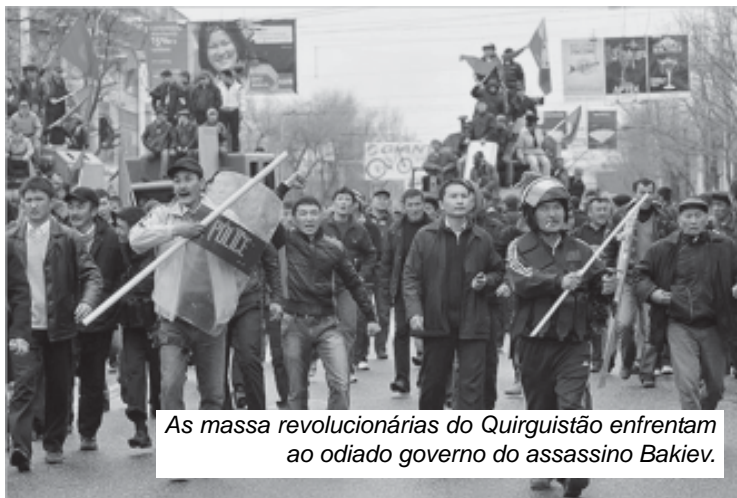
Todos os presentes votaram recusar a moção dos fabris de La Paz de enfrentar a demagogia da burguesia e seus governos bolivarianos. Questão que significa não enfrentar a demagogia mentirosa e infame desse açougueiro imperialista que é Obama, tão ou mais assassino que Bush. Significa submeter à classe operária a sua própria burguesia, como o fez a burocracia da AFL-CIO em EUA, permitindo que Obama saia ao resgate dos parasitas imperialistas e seus bancos a costa da fome, a miséria, desemprego, a massacre e ruína dos explorados dos EUA e o mundo. Significa subordinar ao proletariado à "frente democrática" do imperialismo e as burguesias bolivarianas, que como Zelaya na Honduras, ameaçou demagogicamente com a "mãe das batalhas" contra o golpe, e como marionete de Obama e dos Clinton terminou legitimando a "democracia" dos golpistas.

Ademais, negar-se a denunciar a Morales e a demagogia das burguesias nativas, é atar a sorte do proletariado boliviano à dos partidos burgueses e à frente popular "democrática". Assim permitiram que estes pactuem com a Média Lua fascista e estabilizem o regime expropriador da revolução, com uma Constituição e um governo de frente popular que não lhes dá nem o pão aos operários, nem a terra aos camponeses, nem o gás aos bolivianos, nem rompe com o imperialismo.

Esta política dos renegados do trotskismo e stalinistas de não enfrentar a "demagogia das burguesias" já se aplicou na "Contra Cume dos Povos" no Madri. Mas resulta ser que com o crash da economia mundial a "demagogia" já se acabou: os "demagogos" como Zapatero da Espanha e os charlatões como Brown da Inglaterra, junto a todos os partidos social-imperialistas, sacaram-se a careta e passaram ao ataque por decreto contra a classe operária, para impor uma maior flexibilização trabalhista, roubar-lhe os salários e as aposentadorias e impor as piores condições de escravatura, para que pague os custos da crise com "sangue, suor e lágrimas".

Não lutar contra a "demagogia" burguesa significa não enfrentar ao governo "socialista" e "democrático" de Papandreu na Grécia, que é o que comanda o mais terrível ataque contra a classe operária. Por isso as direções reformistas levaram todas as energias revolucionárias dos explorados a uma luta de pressão para que a Goldman Sachs, o Bundesbank e restantes parasitas imperialistas e seus governos "*não apliquem seu plano contra os trabalhadores*". A vida deu um veredito sobre esta política. Depois das 6 greves gerais na Grécia, por não avançar a pôr em pé os sovietes, centralizando e desenvolvendo os organismos de luta que as massas puseram em pé, conquistar o armamento do proletariado, e preparar a insurreição para derrubar a Papandreu e tomar o poder, a

burguesia imperialista com seu Parlamento legitimou o feroz ataque.

É por tudo isso que neste "Encontro Internacional" do CONCLAT não existiu uma só palavra da luta revolucionária no Madagáscar. Também não se disse nada sobre o combate revolucionário das massas de Quirguistão que acurralou ao exército na revolução, o qual não saiu às ruas por temor a ser dividido e sua casta de oficiais destruída pelos operários que se tinham armado derrocando ao governo de Bakiev. Como a revolução do Quirguistão vai ocupar um lugar nesse congresso, se se votou contra os fabris de La Paz não enfrentar às "demagogias" das burguesias nativas? Quando agora no Quirguistão é a burguesia nacional "democrática" da Rosa Utumbayeva a que manda ao exército a assassinar aos operários Quirguizes e uzbeques, que armados em barricadas comuns defendem os bairros operários atacados pelos pogroms das bandas de lúmpenes tajicos, financiados pela base ianque instalada no sul do país. Com este ataque preparam a intervenção do exército russo do assassino Putín. Assim defendem a base ianque desde onde opera a logística das tropas que massacram às heróicas massas que resistem a ocupação imperialista no Afeganistão! Ficou claro a quem servem e a que interesses defendem o "CONCLAT" e seu "Encontro Internacional" do Brasil e a *"Cume dos Povos"* do Madri: Infelizmente… o dos exploradores.

As massa revolucionárias do Quirguistão enfrentam ao odiado governo do assassino Bakiev.

As campanhas aprovadas no "Encontro Internacional"… mais um botão de mostra do servilismo dos renegados do trotskismo à burguesia do "frente democrática"

Neste "Encontro Internacional" se votaram 4 campanhas centrais, sob o lema *"que a crise a paguem os capitalistas"*, sem por suposto dizer como se leva adiante esta enorme tarefa que tem por diante o proletariado mundial. As campanhas foram as seguintes: *"Campanha de solidariedade -de acordo com a realidade de cada país- no confronto contra a crise econômica mundial expressada neste momento em Grécia, e que provavelmente se estenderá a Portugal e Espanha". "Campanha pelo retiro imediato das tropas militares da ONU e pelo fim da ocupação do Haiti". "Promover atividades de apoio à luta do povo palestino e denunciar a Israel veementemente pelo recente ataque promovido contra o comboio que chegava por mar para solidarizar-se com a luta palestina". "Denunciar a criminalização dos movimentos sociais e sindicais, principalmente na Honduras, Colômbia e Venezuela aonde vêm ocorrendo diversos assassinatos impunes nos movimentos"*.

Em todas estas campanhas, as direções reformistas nada dizem de enfrentar e derrocar aos governos burgueses que lançaram um feroz ataque contra as massas em todo mundo.

Sobre Haiti, Honduras, Latino América e Europa já alertamos à vanguarda combativa sobre o resultado da política de colaboração de classes que vieram sustentando todas as direções reformista que assistiram ao "Encontro Internacional" do CONCLAT. No entanto, ainda resta advertir sobre o significado da campanha de solidariedade com Palestina que propõe o "Encontro Internacional". Dita campanha lamentavelmente para as heróicas massas palestinas e de Oriente Médio, nada mais é do que um apoio implícito à política do imperialismo "democrático" turco, isto é, a outro dos agentes de Obama. É que com ataques contra revolucionários por um lado, como o realizado pelo exército fascista sionista israelense -contra a flotilha pacifista-, e com o "frente democrática" pelo outro, encabeçado pela burguesia turca -massacradora da resistência iraquiana e do povo curdo- pondo-se como "defensora" de um "Estado" para o povo palestino, impulsionam a política de dois Estados da "Folha de rota" e os "Acordos de Oslo". Estas são as duas pontas da mesma corda com que o imperialismo ianque tenta fazer render às heróicas massas palestinas para que reconheçam ao Estado sionista fascista de Israel e aceitem viver nos guetos de Gaza e Cisjordânia.

Estas correntes reformistas pretendem enganar à classe operária mundial propondo que com campanhas pacifistas de pressão se pode romper o bloqueio a Gaza, sem romper o cerco às heróicas massas palestinas, e sem a destruição do Estado sionista fascista de Israel! Como parar os massacres sem enfrentar e derrubar o cerco que lhe impedem às massas palestinas unir suas forças junto ao proletariado de Oriente Médio para sepultar ao imperialismo e todos seus agentes na região?! Por isso desde o "Encontro Internacional" do CONCLAT se negaram a convocar a que as organizações operárias ali presentes -que têm fundos de sobra para fazê-lo- chamem a todas as organizações da classe operária mundial a pôr em pé brigadas operárias internacionais para levar petrechos, medicamentos e armamento para combater junto às massas palestinas.

No “Encontro Internacional”, junto à delegação japonesa de Chukaku-Há, os reformistas discutem como salvar à burguesia da irrupção do proletariado asiático

A burguesia imperialista tem terror ante os combates das massas do Pacifico e o extremo oriente. Aí estão os combates de massas na Tailândia. A luta da classe operária japonesa contra a base ianque de Okinawa que já provocou a retirada preventiva do governo de Hatoyama. Enquanto, na Coréia do Norte não deixam de suceder-se enormes revoltas da classe operária, contra o roubo em massa das poupanças do povo impulsionado pela burocracia restauracionista ou a nova burguesia desse país e a enorme carestia da vida, que se expressam numa fome generalizada das massas. Os tambores de guerra que soam por parte do imperialismo ianque e japonês desde Coréia do Sul anunciam o pânico de toda a burguesia. Os tambores não são contra os podres escravistas da banda de Kim Ming Sun da Coréia do Norte, senão por que têm terror a que novamente como na pós-guerra se levante a combativa e hoje faminta classe operária norte coreana, pegando fogo toda a península da Coréia.

Em Tonghua a classe operária chinesa enfrenta aos mandarins vermelhos do PC.

Ao mesmo tempo, na China a formidável resistência de massas e a luta operária como na fábrica Honda e Toyota, bem como a tragédia do suicídio dos operários que resistem sua escravatura nas fábricas no sul da China da Dell e Hewlett Packard cujos produtos são ensamblados pela taiwanesa Foxxcon, anunciam que sob padecimentos inacreditáveis estão entrando na luta de classes, como ontem em Tonghua e Lingzhou (China), os batalhões fundamentais do proletariado asiático.

São as direções reformistas e sua política colaboracionistas as que impedem uma verdadeira centralidade do combate do proletariado asiático. Todos os reformistas e renegados do trotskismo agora, depois de que passassem anos com mais de 250.000 revoltas das massas exploradas pela terra e contra o saque das potências imperialistas, depois de que rodassem as cabeças dos empresários na Tonghua e Lingzou, anunciam que “o proletariado chinês entrou como batalhão decisivo da luta de classes”. Mas durante todos estes últimos anos tentaram silenciá-lo, e quando não puderam, porque o *elefante se lhes meteu no banheiro*, estes reformistas não têm mais remédio que reconhecer-lo, enquanto mandam a Chukaku-Hà tentar domesticá-lo.

O papel do stalinismo, entregando China à restauração capitalista e ao saque das potências imperialistas, já se fez evidente ante os olhos do proletariado mundial. A colaboração do stalinismo com os governos burgueses imperialistas do Japão o tem desprestigiado ante os olhos do melhor da classe operária desse país. O proletariado já sabe que o stalinismo entregou à classe operária vietnamita e norte coreana ao imperialismo que a submete à maior escravatura que se tenha memória nesses países.

É por isso que ante a ameaça latente de uma irrupção generalizada do proletariado asiático, as forças do reformismo da esquerda do Foro Social Mundial, e da V Internacional sob as ordens de Hu Jintao, dos Chávez e a burocracia restauracionista castrista, reativaram a Chukaku-Hà a nível internacional. Esta corrente, que fala em nome da classe operária japonesa, hoje sustenta nos EUA à burocracia “de esquerda” dos sindicatos portuários de Oakland, que submeteu à classe operária e ao movimento contra a guerra nos EUA a Obama, como também sustenta ao conselho regional Seul da Confederação Coreana de Sindicatos.

Chukaku-Há, que ontem reivindicava a Ho Chi Mihn e à burocracia stalinista do Vietnã e sua “guerra popular prolongada” (que resultou ser… um martírio prolongado da classe operária vietnamita, hoje entregada ao imperialismo), agora se tenta lavar a roupa suja, revestindo-se de trotskista, para melhor enganar ao proletariado japonês.

Seus acordos com os renegados do trotskismo na Europa e no nível do continente americano são decisivos, já que Chukaku-Há se prepara para jogar no Japão e no continente asiático o mesmo papel de levar à derrota ao mais combativo do proletariado que jogassem os pablistas dos “Novos Partidos Anticapitalistas” europeus, ou os morenistas, mandelistas e demais renegados do trotskismo frente à revolução latino americana.

Teruoka Seiichi, dirigente de Chukaku-Há e membro executivo do Douro-Chiba, chamou a todos a unir-se com eles numa reunião internacional o 7 de novembro em Tokio. Querem exportar este novo dispositivo de contenção da revolução desde Europa e América Latina a Ásia, começando por atar-lhe as mãos ao proletariado japonês que tem em suas mãos as chaves para liberar a seus irmãos de classe de toda a Ásia.

Que lhe vem propondo Chukaku-Há ao proletariado japonês? Que lute por um… Partido de Trabalhadores (PT), isto é, um partido reformista, que não será outra coisa que um lastre no pescoço para a classe operária que a submeterá a uma total impotência para enfrentar a sua burguesia imperialista e ao regime policial toyotista. Por isso Chukaku-Há, como fiel servente do imperialismo, negou-se –ao igual que seus congêneres reformistas de ocidente- a impulsionar uma só luta por igual trabalho igual salário para o proletariado japonês e asiático contra os monopólios imperialistas e seus governos serventes. **Caro está pagando a classe operária japonesa e os explorados da Ásia esta política dos social imperialistas de Chukaku-Há no Japão, serventes do stalinismo! A classe operária japonesa para enfrentar a crise deve atar seu destino ao de seus irmãos escravizados da China, Coréia e toda a Península Indochina!**

Frente a tanta centralização de forças reformistas
A classe operária precisa um Congresso operário internacionalistas das organizações operárias revolucionárias e os trotskistas principistas!

Tanta concentração de forças de renegados do trotskismo no "Encontro Internacional" do CONCLAT se assemelha à reunificação "sem princípios de 1963" entre as frações centristas da velha IV Internacional de Yalta, sob a direção de Michel Pablo. Mas esta "reunificação" se realiza depois de que "morenistas" e "mandelistas" já têm "cruzado o Rubicón". São chamados pela V Internacional a "centralizar-se" num plano superior, para que junto a todas as direções social-democratas, stalinistas, e restantes entregadores do proletariado a nível mundial, impeça a irrupção revolucionária da ala esquerda do proletariado no planeta, no meio de que "A" crise econômica imperialista não deixa de aprofundar-se.

No "Encontro Internacional" do CONCLAT, levou-se adiante uma reunião histórica de centralização de forças que em nome do combate pelo *"socialismo"*, levam à vanguarda operária combativa ao beco sem saída da política de colaboração de classes, para sustentar à frente popular e estrangular o combate revolucionário e antiimperialista das massas. Mas este encontro, como o de maio no Madri, já tem um novo expoente nos EUA, onde hoje sob o auspicio dos mandelistas de Socialist Action, a ISO (Internacional Socialista Operária, NdT), com a participação do SWP (Socialist Workers Party, NdT) da Inglaterra, realizam um tour político pelos EUA de costa a costa, para centralizar ao conjunto dos renegados do trotskismo em Norte América para garantir a ofensiva massacradora do açougueiro Obama no Afeganistão e o resto do planeta e sobre seu próprio proletariado. Tantas reuniões, quase mensais das direções reformistas em diferentes pontos do planeta, demonstram que a burguesia imperialista recorre a todos seus agentes para que a salvem de sua crise e dos combates revolucionários do proletariado. Mas também é uma mostra de que o imperialismo precisa adormecer às massas para aplicar-lhes duras e ferozes derrotas e redobrar seu ataque sangrento contra as massas exploradas do mundo.

É por isso que para liberar todo o ódio e energia revolucionária do proletariado que apesar e na contramão de suas direções entra ao combate, a classe operária precisa um Congresso das organizações operárias revolucionárias e os trotskistas principistas para derrotar às direções reformistas e unificar num só combate ao proletariado internacional aos que lutam tomando as armas para conquistar o pão como em Madagáscar e Quirguistão; junto aos trabalhadores gregos que enfrentam o ajuste do governo com greves gerais; junto aos que se rebelaram contra os traidores da burocracia sindical da COB, que na Bolívia submete à classe operária ao governo da frente popular de Morales; junto às massas palestinas massacradas pelo imperialismo e seu agente sionista-fascista do Estado de Israel; junto as massas da Coréia do Norte que lutam contra a fome e a miséria; junto ao proletariado chinês que enfrentam ao imperialismo e seus serventes os mandarins vermelhos; junto aos operários que no Zimbábue e na África do Sul combatem contra a frente popular; junto à heróica resistência afegã e de todo Oriente Médio que lhe fazem recordar ao imperialismo o fantasma de um novo "Vietnã", se poderá preparar e organizar uma contra-ofensiva mundial da classe operária para terminar com o regime e o domínio do imperialismo sobre o planeta.

A FLTI -integrada pela WIVL da África do Sul, a IRL do Zimbábue, a LTI da Bolívia, a LTI do Peru, o POI-CI do Chile, a FT do Brasil e a LOI-CI da Argentina- se pôs de pé para dar este combate. Uma nova geração de operários revolucionários precisa um ponto de apoio para combater pela revolução socialista internacional. Esse ponto de apoio só pode ser combatendo por conquistar um Comitê pela Re-fundação da IV Internacional do '38. O único partido que re-fundado, será incapaz de desmoralizar aos explorados porque só estará interessado em provocar a derrota e a desmoralização dos patrões e seus regimes putrefatos que ameaçam com novas barbáries, guerras e fascismo para massacrar à classe operária e estrangular aos povos oprimidos do mundo.

Neste combate a FLTI lhe declarou a guerra à política de colaboração de classes da V Internacional e sua ala esquerda de stalinistas reciclados e renegados do trotskismo, e por isso inscreve com orgulho em sua bandeira: *"A IV Internacional goza desde já do ódio merecido dos stalinistas, dos social-democratas, dos liberais burgueses e dos fascistas. Ela não tem nem pode ter lugar em nenhuma das frentes populares. Opõe-se irredutivelmente a todos os agrupamentos políticos ligados à burguesia. Sua tarefa é acabar com a dominação capitalista. Sua finalidade é o socialismo. Seu método é a revolução proletária"*.

Carta da JRCL-RMF à direção da Conlutas

Sobre os crimes cometidos contra a classe operária japonesa

10 de Julho de 2010.

Estimado Sr. Presidente da Conlutas.

Nós, a Liga Comunista Revolucionária do Japão (Fração Marxista Revolucionária) temos grande respeito por suas lutas contra as políticas de guerra da administração Obama do imperialismo norte-americano, e as lutas contra a ofensiva de demissões e recortes salariais no Brasil e em outros países ao arredor do mundo. Aqui no Japão, estamos desenvolvendo a luta anti guerra, anti aliança militar, contra o fortalecimento das bases na ilha de Okinawa, e as lutas operárias contra as demissões e os recortes salariais, sob a bandeira do Marxismo Revolucionário. Esperamos lutar juntos com vocês através do oceano.

Mobilização de operários e estudantes nas ruas de Tokio.

No entanto, surpreendeu-nos escutar que sua organização não apenas convidou os dirigentes do chamado Douro-Chiba (Sindicato Ferroviário de Chiba) (1) a seu congresso, senão que além disso adotaram a resolução de participar num ato que eles têm planejado em Tókio para o mês de Novembro. É por isto que nós decidimos que devemos dizer-lhes a respeito dos graves crimes da fração Chukaku-ha e Douro Chiba em suas traições contra a classe operária japonesa e a respeito do seu verdadeiro papel na história do movimento operário japonês. Esperamos ansiosamente que recebam nossa saudação e que prestem especial atenção às questões que propomos nesta carta.

Eles fazem questão de que «Chukaku-ha e Douro Chiba são a única força que vem lutando contra a ofensiva para dividir e privatizar o Transporte Ferroviário Nacional Japonês (JNR)». Nós pensamos que vocês acreditaram o que lhes disseram quando adotaram a resolução de apoiá-los. Mas nós acreditamos que é perigoso se a gente, que não conhece muito a respeito da atualidade e a história da luta de classes no Japão, engolem-se o que Chukaku-ha e Douro Chiba dizem. A solidariedade de classe real entre os trabalhadores pode ser construída sobre a base não de suas falsificações senão de um trabalho para expor seus crimes. Portanto, nós queremos que vocês saibam: sobre a ofensiva suja levada adiante pela classe dominante e seu governo contra os trabalhadores ferroviários para privatizar JNR; e, no meio desta ofensiva, o papel histórico que os dirigentes de Chukaku-ha e Douro Chiba jogaram ao serem manipulados pelos que detenham o poder do Estado. Contaremos-lhes a verdade histórica. Realmente queremos que vocês pensem a respeito disso.

(1) Na década de 80, a classe dominante japonesa lançou a ofensiva para dividir e privatizar JNR. Eles fizeram esta ofensiva em conexão com os seus ataques para destruir o Sindicato Ferroviário Nacional (Douro), a principal força operária contra a ofensiva. A divisão /privatização do JNR foi também uma ofensiva superior dos governantes para destruir Douro, como a asa mais militante do movimento operário japonês e do Sindicato Nacional de Operários Ferroviários (Kokuro) como pilar do Conselho Geral dos Sindicatos do Japão (Sohyo), e, através disso, debilitar o movimento operário japonês em seu conjunto.

No meio da ofensiva de privatização/divisão, tiveram lugar uma sucessão de ataques físicos assassinos contra os trabalhadores. Em 1980, um terrível ataque físico foi levado a cabo contra o dirigente de Douro, que estava lutando na primeira linha de combate contra a reorganização de direita do movimento operário japonês (que depois levou ao final de Sohyo). Este é o primeiro ataque, que foi seguido por outros 12 casos, com aproximadamente 8 mortes. Todos foram dirigidos aos dirigentes e ativistas de Douro e outros sindicatos militantes. Mobilizando seus esquadrões secretos para a conspiração, os burgueses japoneses armaram esta série de ataques com o objetivo de eliminar aqueles que eles identificavam como os verdadeiros opositores a seus nefastos planos de levar adiante a divisão/privatização e, ao mesmo tempo, levar os sindicatos dos trabalhadores ferroviários (incluindo Douro, Shin-Kokuro e Kokuro) à destruição ou a transformar-se em sindicatos dirigidos pela empresa. (Ver Registro de Ataques no arquivo adjunto)

Entre esses ataques, nós citamos um que mostrou vividamente o fato de que os ataques estavam conectados com a ofensiva da divisão/privatização do JNR. É o assassinato do Sr. Masaru Matsushita, então presidente do Centro Regional Takasaki do Sindicato dos Trabalhadores Ferroviários de Tokio. (Depois da derrota na luta contra a divisão/privatização, Douro foi reorganizada

no Sindicato dos Trabalhadores Ferroviários, o predecessor de JR Soren. O seu Sindicato dos Trabalhadores Ferroviários de Tokio foi sua força central). Chukaku-ha e Douro Chiba publicaram um «Relatório de Guerra» sobre este assassinato, dizendo «Nosso Exército Revolucionário eliminou completamente o Matsushita». (Ver os xerox do periódico de Chukaku-ha sobre o caso). Eles se fizeram passar como se fossem os responsáveis deste ataque assassino, que nos fatos foram os que detêm o poder do Estado quem o levaram a cabo, mobilizando seus esquadrões de conspiração. O jornalismo propagandeou extensamente que o assassinato foi parte de «um conflito» de seitas de esquerda entre a JRCL (RMF) e Chukaku-ha .

Este é um exemplo da série de ataques. Ante 10 de 13 ataques, nos que foram assassinados 8 trabalhadores ferroviários, Chukaku-ha declarou falsamente que tinham sido eles quem os levaram a cabo. Os dirigentes da Douro Chiba «enchiam-se de orgulho» destes ataques, enquanto difundiam sua urdida história de que «a JRCL (RMF) estava ajudando à privatização de JNR». Assim, os dirigentes de Chukaku-ha e Douro Chiba serviram como assistentes da classe dominante japonesa em seus ataques sobre militantes, dirigentes sindicais conscientes e ativistas, ou como cobertura para os ataques conspirativos para assassiná-los. Exatamente, estes são os duros fatos. Os dirigentes de Chukaku-ha e Douro Chiba foram a «gente mais servil» da classe dominante japonesa e de seu governo, para levar adiante a ofensiva para dividir e privatizar o transporte ferroviário nacional, com o objetivo de destruir o movimento dos trabalhadores ferroviários.

A razão pela qual os dirigentes de Chukaku-ha e Douro Chiba levantam sua posição «contra a privatização do JNR» é que estes estão desesperados por cobrir sua secreta relação com o detentor do poder do Estado.

Isto não é tudo. Nos anos 90, depois da fundação da JR Soren, teve uma série de tentativas de sabotagem contra a operação dos transportes ferroviários (incluindo uma tentativa por descarrilar um trem super expresso). O governo japonês propagandeou imediatamente que «o perpetrador tinha sido um elemento perigoso dentro de JR Soren ou ativistas da JRCL (RMF)». Esta rápida resposta significava que as séries de acidentes eram uma conspiração do Estado com o objetivo de destruir o sindicato dos trabalhadores ferroviários e o nosso partido, a JRCL (RMF). Apesar disso, os dirigentes de Chukaku-ha e Douro Chiba lançaram a vergonhosa declaração que «condena os nefastos crimes de JR Soren e a JRCL-RMF», em resposta à propaganda do governo.

A classe operária japonesa tem a dolorosa experiência de ter fracassado em sua luta contra a ofensiva de fabricações da classe dominante lançadas para destruir o movimento operário. Em 1949, imediatamente depois da derrota na guerra, a autoridade da ocupação norte-americana preparou uma série de incidentes, hoje conhecidos como as Três Grandes Conspirações, para destruir o Sindicato Nacional dos Trabalhadores Ferroviários (3). O Partido Comunista Japonês fracassou em sua luta contra esta ofensiva, de modo tal, que o movimento operário ferroviário que estava sob a direção desse partido, sofreu um dano devastador. Nós extraímos as lições da derrota passada, para a luta presente. Com o ardente ódio da classe operária contra os que detêm o poder do Estado, que tentam destruir o movimento operário militante e as organizações, nós viemos lutando contra toda fabricação ou conspiração. Muitos militantes, ativistas conscientes nos sindicatos, vieram lutando como um todo com base nessas lições. Apenas os dirigentes de Douro Chiba, que também são dirigentes de Chukaku-ha, atrevem-se a dizer «Esses três acidentes não foram conspirações». Eles querem dizer que o poder do Estado nunca faz conspirações para destruir os sindicatos. Isto é algo que somente um «vocifero» do poder do Estado pode dizer. Nenhum dirigente sindical com consciência de classe poderia dizer semelhante mentira.

Além disso, ainda que os dirigentes de Douro Chiba ressaltam a questão de «os 1047 trabalhadores ferroviários demitidos» como se fosse o centro da luta de classes no Japão hoje, eles em realidade exageram um fato do passado, o qual é uma luta já derrotada. Este fato terminou efetivamente em 1990 devido à traição da direção de Kokuro (Sindicato Nacional dos Trabalhadores Ferroviários). (Os dirigentes de Kokuro oficialmente lhe puseram um ponto final a esta questão em junho deste ano, ao fechar um acordo definitivo com o governo). Nós, a JRCL (RMF) opusemo-nos à demissão dos trabalhadores por parte da autoridade de JNR e das companhias ferroviárias, incluídos esses 1047 trabalhadores. No entanto, nós consideramos que estas 1047 demissões foram o resultado da orientação errada colocada pelos oficiais de Kokuro, sob a direção da central dos chamados socialdemocratas de esquerda e a do PCJ. Ante a ofensiva para dividir e privatizar JNR, eles não fizeram nada, salvo chamar a suas bases a continuar recusando as ordenes da administração. Eles são os responsáveis de levar os trabalhadores de Kokuro a uma derrota. A verdade é que esses 1047 trabalhadores foram manipulados politicamente ao princípio e abandonados ao final pela direção central de Kokuro. A razão pela qual Chukaku-ha levanta um grito vazio hoje a respeito de «os 1047 trabalhadores» é porque eles estão desesperados por cobrir os crimes antes mencionados, que cometeram no meio da ofensiva da divisão e privatização do JNR.

(2) Não é ao acaso de que os trabalhadores ferroviários foram os únicos mártires assassinados pelo grupo de conspiração dentro da classe operária. 78 camaradas entre os revolucionários, operários militantes e estudantes foram assassinados. Muitos trabalhadores dos correios, educação, municipais e da indústria privada foram assassinados ou gravemente feridos em sua juventude. Na maioria dos casos, os que detêm o poder do Estado mobilizaram seus esquadrões secretos sacando vantagem da situação peculiar na que Chukaku-ha e outra seita de «esquerda» do mesmo estilo, tinham levado a cabo ataques contra trabalhadores e estudantes revolucionários. Eles usaram a Chukaku-ha para dar a aparência de «violência entre seitas de esquerda» a seus próprios ataques contra nossos camaradas. Ante quase cada um desses ataques, Chukaku-ha publicou uma declaração: «Nós os exterminamos», «Levamos a cabo uma execução revolucionária», etc...

Hoje, é bem conhecido que esses ataques assassinos entre os anos 70 e os 90 foram cometidos pelos os que detêm o poder do Estado. Vejam as xeroxes adjuntas do livro Crimes da Polícia de Segurança Mostradas como a camada Luta Interna entre Seitas de Esquerda. O autor, Nobuaki Tamagawa, é um crítico literário consciente, que não teve conexão com a JRCL (RMF). Revela sobre evidência nos fatos, que os que se chamou violência sectária foi uma nefasta conspiração do Estado. Qualquer um pode ler este livro em bibliotecas públicas ou universitárias no Japão (Inclusive a biblioteca do Congresso).

Nós citamos, por exemplo, um ataque aos estudantes Zengakuren em 1974, quando descobriu-se que um dos atacantes

era oficial de polícia. Três departamentos de estudantes revolucionários em Tokio foram atacados simultaneamente a noite tarde. Os atacantes irromperam nas habitações como num campo de batalha, mas os estudantes os recusaram valentemente. Chukaku-ha publicou uma declaração de que eles haviam levado adiante os ataques. Entre os atacantes, no entanto, teve um que foi derrubado pelos estudantes e enviado ao hospital em uma ambulância. Ainda que este atacante gravemente ferido usava o capacete simbólico de Chukaku-ha, nós o identificamos como polícia. Tão cedo como nós revelamos este fato numa conferência de imprensa, o foi tirado do hospital num carro da polícia. Esta foi uma tentativa da polícia de cobrir os fatos. (Ver livro, pag. 148).

Colocamos outro exemplo. Em fevereiro de 1978, um operário revolucionário foi assassinado na Osaka. Insolitamente, duas declarações que reivindicavam a responsabilidade desse ataque foram publicadas ao mesmo tempo por Chukaku-ha e outra seita de esquerda. Por um mesmo ataque, duas seitas diferentes publicaram «relatórios de guerra». Isto nos recordou aos assassinatos nos casos das chamadas Brigadas Vermelhas na Itália. Esta dupla declaração mostrou que os perpetradores não foram nem Chukaku-ha nem a outra seita, senão um esquadrão segredo do Estado. (Ver livro, pag 120).

Por que Chukaku-ha transformou-se numa ferramenta do poder do Estado imperialista? Este elemento deslocado (em 1963) do movimento revolucionário comunista anti-stalinista no Japão fez uma paródia de «levantamento armado» em 1970. Eles estavam posicionados com o sono infantil da «revolução» e foram inevitavelmente à bancarrota. Precisamente para disfarçar esta bancarrota, eles começaram a atacar violentamente à JRCL (RMF) ou a revolucionários, militantes operários e estudantes, que tinham desenvolvido as forças revolucionárias na luta de classes. Seus ataques contra a classe operária foram achatados por nossas lutas. Arrastados a um predicamento, eles pediram ajuda ao poder do Estado e se degradaram eles mesmos sendo uma ferramenta do Estado.

Agora, os dirigentes de Chukaku-ha estão desesperados por apagar seu passado manchado de sangue, por ocultar sua natureza como uma ferramenta do poder do Estado. Sendo conscientes de que é difícil ocultar sua natureza real, eles inclusive admitem «que teve um espia no politburo» (na edição de seu semanário de 5 de março de 2007) para simular que eles expulsaram os elementos suspeitos. Numa tentativa por mostrar que o Chukaku-ha de hoje deixou atrás seu passado, seus dirigentes estão jogando com consignas sindicalistas, por exemplo: «façamos dos sindicatos o sujeito da revolução para derrotar o capitalismo», o que é uma renúncia completa à posição leninista do partido da vanguarda. Seu sindicalismo, no entanto, é só um falso sindicalismo, uma má cópia do seu original europeu. Isto é porque eles estão usando estas consignas apenas para ocultar sua natureza como ferramenta do poder do Estado.

Ainda se eles querem mostrar seu pequeno e declinante sindicato local Douro Chiba, como um ponto de referência, ou inclusive se eles levantam uma bandeira falsa de sindicalismo, eles nunca poderão ocultar sua verdadeira natureza, que no passado reivindicava falsas responsabilidades por essas conspirações sangrentas e serviram para ajudar as fabricações do poder do Estado. A classe operária japonesa nunca lhes permitirá fazer isso.

Camaradas da Conlutas, honestamente lhes pedimos que nos escutem com atenção. Nós responderemos qualquer pergunta de vocês.

Camaradas de Conlutas, os dirigentes de Chukaku-ha e Douro-Chiba estão viajando através de diferentes países só para ocultar sua verdadeira história e natureza. Eles estão enganando os trabalhadores e os povos da América. CHAMAMO-LOS a pôr sua atenção na verdade histórica. Fortaleçamos a genuína solidariedade internacional da classe operária.

Notas:

(1) Em 1979, um centro regional se desprendeu do Sindicato Ferroviário Nacional (Douro). Esta secção localizada na prefeitura de Chiba se chama hoje «Sindicato Ferroviário Nacional de Chiba.

(2) Nós tomamos a Douro Chiba e Chukaku-ha como uma unidade, porque em sua última revista Chukaku anunciou sua orientação da seguinte maneira: «Levar adiante a luta para construir um único partido mundial estendendo o tipo [de organização] do movimento operário como Douro Chiba», ou «A luta de classes para derrotar o capitalismo depende da luta de Douro Chiba». Outra razão é que o ex presidente de Douro Chiba, Hiroshi Nakano (falecido), era também a cabeça da fração Chukaku-ha .

(3) O incidente de Shimoyama: Em 5 de Julho de 1949, o primeiro presidente do Transporte Ferroviário Nacional Japonês desapareceu em seu caminho ao trabalho e seu corpo foi encontrado no dia seguinte numa das vias do transporte ferroviário. O corpo havia sido achatado por um trem. O governo japonês lançou uma declaração de que havia sido assassinado, ao mesmo tempo que implicando que o perpetrador tinha sido um elemento do sindicato de ferroviários.

O incidente Mitaka: Em 15 de Julho de 1949, um trem sem motorista, com sua alavanca de operações atada, entrou na Estação Mitaka no Tokio, matando 6 pessoas. O governo condenou o partido Comunista Japonês. A polícia deteve doze pessoas, incluindo o presidente da regional Mitaka do Sindicato Nacional de Trabalhadores Ferroviários.

O descarrilamento Matsukawa: Em 17 de Agosto de 1949, um trem de passageiros descarrilou e capotou na cerca da estação Matsukawa na prefeitura Fukushima, matando três pessoas. As vias haviam sido sabotadas. A polícia encarcerou e foram processados 20 membros do PCJ da regional local do Sindicato Nacional dos Trabalhadores Ferroviários e de um sindicato na fábrica local de Toshiba Electric. Todos foram absolvidos pela corte em 1960.

Ante as três conspirações sucessivas, o Partido Comunista Japonês não organizou uma luta efetiva, senão que em troca, limitou suas atividades. Isto levou a luta dos trabalhadores ferroviários contra 90.000 demissões e a do Sindicato de Trabalhadores de Toshiba também contra demissões a derrotas.

No entanto, muitos marcantes escritores, jornalistas e outros intelectuais levaram adiante a investigação para a verdade dos incidentes. Seus relatórios e escritos revelam fidedignamente a relação da autoridade da ocupação norte americana com os incidentes. Graças a seus esforços, o fato de que estes três incidentes foram uma conspiração foi bem conhecido no Japão mais tarde.

A ESQUERDA PEQUENO-BURGUESA E AS ELEIÇÕES DE 2010

Uma das discussões que polarizaram o CONCLAT foi a questão das eleições de 2010 e as alianças entre os agrupamentos pequeno-burgueses. Apesar de essa discussão aparecer em poucas ocasiões, como na apresentação das Teses, a política de alianças para as eleições de 2010, polarizou amplamente o congresso.

A crise capitalista mundial e seus reflexos no Brasil estilhaçaram a Frente de Esquerda, formada em 2006 pelo PSOL (mandelistas), PSTU (morenistas) e pelo PCB (estalinistas), que naquele momento se agruparam em torno a candidatura de Heloísa Helena do PSOL.

A Frente de Esquerda formada em torno a personalidade de Heloísa Helena, não tinha nenhum programa classista ou socialista, era um programa burguês, com algumas tinturas reformistas que procuravam enganar os setores do proletariado descontentes com o governo Lula.

A crise capitalista aberta em 2008 pôs as claras a política reformista dos renegados do trotskismo e seus aliados estalinistas. Frente aos 2 milhões de demissões empreendidas pelos capitalistas, a política dos renegados foi uma mistura de programa reformista desenvolvimentista burguês (PSOL), e uma política de exigências ao governo Lula (PSTU), que passou todo o de 2009 exigindo que Lula baixasse um decreto contra as demissões.

Enquanto a burguesia empreendia furiosos ataques ao proletariado com demissões, fechamento de empresas, redução da jornada de trabalho e de salários, os renegados do trotskismo, PSOL, PSTU, PCO, LER-QI, LBI etc. davam cobertura pela esquerda a política da Frente Popular de atacar a classe operária.

Quando se iniciaram as discussões sobre as eleições de 2010, os renegados se posicionaram para reeditar a fracassada política de Frente de Esquerda de 2006 e 2008. Porém Heloísa Helena dessa vez não está disposta a ir para o sacrifício nas eleições presidenciais já que tem grande chance de voltar ao senado pelo estado de Alagoas, cargo que já ocupou quando era do PT entre os anos de 1998 a 2006 e que dá grande prestígio aos que o ocupam.

A saída de Heloísa Helena da disputa presidencial abriu uma enorme crise na Frente de Esquerda, já que o que une esta frente de renegados e reformistas é o prestigio eleitoral de Heloísa Helena, que teve 7 milhões de votos nas eleições de 2006.

Sem Heloísa Helena o PSOL rachou em dois blocos um defendendo o apoio a Marina Silva (PV) e outra ala defendo a candidatura própria do PSOL. A disputa dentro do PSOL foi encarniçada, típica das disputas internas dos partidos burgueses, com muitas manobras e corrupção. Ao final a ala centro-esquerdista do PSOL formada pela APS, Enlace, LRS, CST e outros que defendia a candidatura própria venceu a ala direita formada por Heloísa Helena, Luciana Genro, formada pelo MES e pelo MTL que propunham o apoio a Marina Silva.

Apesar do lançamento de Plínio de Arruda Sampaio, a crise do PSOL só fez se aprofundar, a ala de Heloísa Helena e Luciana Genro já declarou que não apoiará Plínio, mas Marina Silva.

Frente a desistência de Heloísa Helena, o PSTU decidiu lançar José Maria para presidente sob a alegação de que o PSTU não poderia apoiar Plínio devido a diferenças programáticas. Puro oportunismo, o PSTU não apóia o PSOL porque a candidata não é Heloísa Helena, se ela fosse candidata o PSTU a apoiaria com qualquer programa como foi em 2006. A ruptura do PSTU da Frente de Esquerda é apenas um cálculo eleitoral não tem nada a ver com o programa.

Já o PCB estalinista, também vai lançar seu candidato próprio as eleições, Ivan Pinheiro, secretário geral do PCB e pelego que dirigiu durante muitos anos o sindicato dos bancários do Rio de Janeiro, a época o PCB apoiava os pelegos e se colocava contra a construção da CUT.

O CONCLAT refletiu nas suas discussões a decomposição da Frente de Esquerda. Nas discussões sobre a conjuntura política enquanto o PSOL defendia a reedição da Frente com o apoio do PSTU a Plínio, os morenistas diziam que não podiam apoiar Plínio pelo seu programa e por isso lançaram Zé Maria.

Na primeira noite do CONCLAT o PSTU reuniu os seus 1300 delegados para realizar um ato de apoio a Zé Maria. Já na plenária final ficaram evidentes as pressões do PSOL para a reedição da Frente de Esquerda e o apoio do PSTU ao candidato do PSOL Plínio Arruda Sampaio. O PSTU como sempre nessas ocasiões se escondeu atrás de uma suposta «independência» das organizações operárias frente aos «partidos».

Era evidente que a luta pelo controle do aparato da nova organização sindical que surgiria com a unificação, tinha relação direta com a luta eleitoral que irão travar o PSTU e o PSOL nas eleições e certamente um dos motivos do racha ocorrido no Brasil tem a ver com a disputa eleitoral.

Seja com a Frente de Esquerda, seja com candidaturas independentes, a política dos renegados do trotskismo e dos estalinistas (PSOL, PSTU e PCB), é evitar que qualquer fenômeno de independência do proletariado surja nas eleições.

A maioria dos pequenos grupos da esquerda pequeno-burguesa irá se dividir entre o apoio ao PSTU (Espaço Socialista, LER-QI), e o voto nulo sem programa revolucionário como a LBI, TPOR.

A LER-QI inaugura um salto na sua política oportunista no Brasil ao firmar uma ata de apoio ao PSTU em troca da legenda para dois de seus militantes disputarem as eleições pelo PSTU.

O PCO como sempre vai lançar a candidatura de Rui Costa Pimenta, presidente do partido que fará uma campanha de cunho reformista defendendo um governo dos trabalhadores.

Os pablistas da LBI farão campanha pelo voto nulo, chamarão uma frente com quem quer que seja como fizeram no CONCLAT onde se aliou com diversos grupelhos (Luta Marxista, anarquistas, Comunistas Verdes, etc.), qualquer grupo que possa amplificar a sua política sectária e oportunista, talvez consigam o apoio do POM.

15 / 06 / 2010